

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**VITÓRIA VIEIRA DE SOUZA ABREU**

**CAPITALISMO, NEOPENTECOSTALISMO E INTERNACIONALIZAÇÃO:  
o caso da Igreja Universal do Reino de Deus**

**Porto Alegre**

**2022**

VITÓRIA VIEIRA DE SOUZA ABREU

**CAPITALISMO, NEOPENTECOSTALISMO E INTERNACIONALIZAÇÃO:  
o caso da Igreja Universal do Reino de Deus**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharela em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Carlos de Oliveira de Castro

Porto Alegre

2022

## CIP - Catalogação na Publicação

Abreu, Vitória Vieira de Souza  
CAPITALISMO, NEOPENTECOSTALISMO E  
INTERNACIONALIZAÇÃO: o caso da Igreja Universal do  
Reino de Deus / Vitória Vieira de Souza Abreu. --  
2022.  
70 f.  
Orientador: Henrique Carlos de Oliveira de Castro.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Ciências Econômicas, Curso de Relações  
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Capitalismo. 2. Neopentecostalismo. 3. Igreja  
Universal do Reino de Deus. 4. Sistema-mundo. 5.  
Internacionalização. I. de Oliveira de Castro,  
Henrique Carlos, orient. II. Título.

VITÓRIA VIEIRA DE SOUZA ABREU

**CAPITALISMO, NEOPENTECOSTALISMO E INTERNACIONALIZAÇÃO:  
o caso da Igreja Universal do Reino de Deus**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharela em Relações Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Henrique Carlos de Oliveira de Castro – Orientador  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Prof. Dr. Luiz Augusto Faria  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Me. Romi Márcia Bencke  
Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC)

*A minha família, Ronaldo, Eliane, Roger e Tom, por todo carinho, aconchego, incentivo, amparo, confiança e amor.*

## AGRADECIMENTOS

A seção de agradecimentos do tão temido TCC, muito me é cara. Entendo que o privilégio de poder me dedicar a este estudo não seria possível sem uma série de pessoas que me ofereceram ferramentas ou sem o contexto social em que estou inserida, ou sem as oportunidades que encontrei durante minha formação pessoal, acadêmica e profissional. Se hoje posso me orgulhar de quem sou e do que construí, é com prazer que divido os méritos desta conquista aqui.

O sonho do ingresso em uma universidade pública de qualidade não teria sido alcançado sem o incentivo e o apoio incondicional de minha família. Sou grata aos meus pais, por inúmeros motivos, mas agradeço por sempre adequarem suas rotinas de trabalho de acordo com os horários das minhas aulas durante toda minha vida escolar, apenas para que eu tivesse mais comodidade. Isso mostra a importância que meus estudos representam para vocês, ensinando-me que este é o melhor caminho para o crescimento. Graças a vocês, fui feliz em alcançar esse objetivo e, por isso, agradeço todas as caronas, conversas, viagens e risadas que compartilhamos sempre e por serem exemplos de determinação.

Obrigada, pai, por todo apoio, segurança e preocupação investidos em mim e, claro, obrigada pelos sucos de limão e frutinhas picadas no café de manhã. Obrigada, mãe, pelos chás e cuidados dedicados em minhas crises de enxaqueca e por toda confiança e motivação que tuas palavras me transmitem. Agradeço com muito amor, também, meu irmão e meu sobrinho, por serem sinônimos de companheirismo e calma. Obrigada, mano, por ser meu cúmplice e por ter moldado meu excelente gosto musical. Tom, obrigada por ser luz e carinho, é muito bom voltar para casa e ser recebida pelo teu abraço apertado, você é muito importante para a dinda. Família, é graças a toda liberdade e segurança que vocês me deram que estou me formando na UFRGS. Essa conquista é nossa! Amo vocês.

Não poderia deixar de agradecer ao Estado e à sociedade brasileira por me proporcionarem um ensino médio e superior de excelência em instituições públicas de ensino, referências no Brasil e no mundo. À toda comunidade acadêmica e administrativa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, meu muito obrigada pelo acolhimento e pela formação de qualidade. Agradeço imensamente aos Professores do Departamento de Economia e Relações Internacionais (DERI) pelo repertório rico e pelos ensinamentos valiosos. Meu desejo é que sigam tendo força e

coragem para seguir iluminando e transformando o mundo de seus estudantes, como fizeram comigo. Obrigada.

Em especial, agradeço ao meu orientador, Henrique, por ter me guiado nesta reta final com tanta sabedoria e humanidade. Professor, sua atenção, empatia e paciência comigo me são caríssimas. Obrigada por ter acreditado em mim e por ter me levantado tantas vezes neste caminho. Este trabalho não teria sido possível sem seu acompanhamento, *gracias*.

A UFRGS, além de me proporcionar a formação acadêmica, me deu a felicidade de encontrar pessoas incríveis que formam parte fundamental da minha vida, para sempre. Agradeço pelo acolhimento quentinho dos amigos porto-alegrenses e “estrangeiros” que foram casa e formaram abrigo comigo em POA, Bianca, Bibiana, Camila, Gabriela, Júlia, Lucas e Rodrigo. A companhia de vocês trouxe aventuras, piadas, apoio, cumplicidade e evolução. Obrigada pela leveza que me proporcionaram nestes anos de graduação.

Bi e Gabi, obrigada por serem parceiras para tudo, pelas revisões deste trabalho e pelas palavras de encorajamento. Cada momento dividido com vocês está guardadinho em meu coração. Guigo, *merci beaucoup* por tua amizade, pelos cafezinhos, sorvetinhos e músicas compartilhadas. Obrigada por consolar meus choros nas aulas de francês e por estar sempre disponível. Cá, Ju e Bibi, dividir este momento com vocês, por mais difícil que tenha sido, foi alentador. Nossa cumplicidade em sempre acalmar uma a outra (mesmo estando passando pela mesma ansiedade) foi essencial. Cucas, meu companheiro e parceiro, obrigada por ter sido minha força quando eu já não tinha mais e por nunca me deixar esquecer o quanto eu queria e conseguiria chegar aqui. Sem teu apoio e encorajamento diários, a jornada teria sido pior. Obrigada, te amo.

Agradeço, ainda, minhas colegas de empresa que se tornaram amigas para a vida: Bruna, Maju, Melissa, Laís, Laura e Thais. Obrigada, meninas, por serem inspiração, por eu poder sempre contar com vocês e pela paciência em esperar o fim desta etapa para nos vermos pessoalmente. Admiro cada uma e sou grata por tê-las encontrado.

Por fim, agradeço à turma 14, aos colegas de RI de outras turmas, aos colegas de projetos de extensão e de grupos de pesquisa. Dividir com vocês salas de aulas, trabalhos, apreensões em dias de prova, festas, organização de projetos, delegações e viagens tornou minha experiência universitária mais completa e rica.

*“Há todo um velho mundo ainda por destruir e todo um novo mundo a construir. Mas nós conseguiremos, jovens amigos, não é verdade? Nós conseguiremos!”*

*Rosa Luxemburgo, 1918*

## RESUMO

Esta monografia analisa a relação entre religião e sistema econômico a fim de verificar se a ação internacional da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) atua como instituição consolidadora do neoliberalismo. Sendo assim, observa-se se o *ethos* neopentecostal influencia, e é influenciado, pela visão capitalista neoliberal. Para compreender o fenômeno, apresenta-se o contexto da relação histórica de influência entre o Cristianismo ocidental e o Capitalismo, atentando-se para a evolução das correntes econômicas capitalistas e localizando o momento do sistema econômico em vigor no Brasil. Examina-se, ainda, o desenvolvimento do Protestantismo Clássico para o Protestantismo Pentecostal e a classificação do Pentecostalismo no Brasil. Na Igreja Universal do Reino de Deus, a maior e mais representativa igreja do Neopentecostalismo brasileiro, identifica-se, a ética neopentecostal em afinidade ao espírito neoliberal. Por fim, analisa-se, sob aporte teórico marxista das Relações Internacionais, a internacionalização da organização para os países periféricos.

**Palavras-chave:** Capitalismo; Igreja Universal do Reino de Deus; Neopentecostalismo; Sistema-mundo; Teologia da Prosperidade.

## RESUMEN

Esta monografía analiza la relación entre la religión y el sistema económico con el fin de verificar si la acción internacional de la Iglesia Universal del Reino de Dios (UCKG) actúa como una institución consolidada del neoliberalismo. Así, se observa si el *ethos* neopentecostal influye y es influido por la visión capitalista neoliberal. Para comprender el fenómeno, se presenta el contexto de la relación histórica de influencia entre el cristianismo occidental y el capitalismo, prestando atención a la evolución de las corrientes económicas capitalistas y ubicando el momento del sistema económico vigente en Brasil. También examina el desarrollo del protestantismo clásico al protestantismo pentecostal y la clasificación del pentecostalismo en Brasil. En la Iglesia Universal del Reino de Dios, la iglesia más grande y representativa del neopentecostalismo brasileño, la ética neopentecostal se identifica en afinidad con el espíritu neoliberal. Finalmente, bajo el marco teórico marxista de las Relaciones Internacionales, se analiza la internacionalización de la organización hacia los países periféricos.

**Palabras llave:** Capitalismo; Iglesia universal del reino de Dios; neoliberalismo; neopentecostalismo; sistema mundial; Teología de la prosperidad.

## ABSTRACT

This monography analyzes the relationship between religion and the economic system in order to verify if the international action of the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG) acts as a consolidating institution of neoliberalism. Thus, it aims to observe whether the neo-Pentecostal *ethos* influences, and is influenced, by the neoliberal capitalist vision. To understand the phenomenon, the context of the historical relationship of influence between Western Christianity and Capitalism is presented, paying attention to the evolution of capitalist economic currents and locating the moment of the economic system in force in Brazil. It also examines the development of Classical Protestantism to Pentecostal Protestantism and the classification of Pentecostalism in Brazil. In the Universal Church of the Kingdom of God, the largest and most representative church of Brazilian Neo-Pentecostalism, the neo-Pentecostal ethics is identified in affinity with the neoliberal spirit. Finally, under the Marxist theoretical framework of International Relations, the internationalization of the organization towards peripheral countries is analyzed.

**Keywords:** Capitalism; Universal Church of the Kingdom of God; Neoliberalism; Neo-Pentecostalism; World-system; Prosperity Theology.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Assembleia de Deus
CPLP	Comunidade de Países de Língua Portuguesa
EUA	Estados Unidos da América
FHC	Fernando Henrique Cardoso
FMI	Fundo Monetário Internacional
IEQ	Igreja do Evangelho Quadrangular
IPDA	Igreja Pentecostal Deus é Amor
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
ONGs	Organizações não Governamentais
RI	Relações Internacionais
TdS	Templo de Salomão
TP	Teologia da Prosperidade

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2 CAPITALISMO MODERNO E NEOLIBERALISMO CONTEMPORÂNEO</b>	<b>21</b>
2.1 VOCAÇÃO, PREDESTINAÇÃO E PURITANISMO NO ENSAIO WEBERIANO	21
2.2 O ESPÍRITO NEOLIBERAL NO BRASIL	30
<b>3 DO PROTESTANTISMO AO NEOPENTECOSTALISMO BRASILEIRO</b>	<b>38</b>
3.1 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	40
3.2 IURD E A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE	44
<b>4 TRANSNACIONALIZAÇÃO DO ESPÍRITO NEOLIBERAL IURDIANO</b>	<b>50</b>
4.1 A UNIVERSAL DO REINO DE DEUS NO SISTEMA-MUNDO	51
4.2 INTERNACIONALIZAÇÃO DA IURD: ESTUDOS DE CASO	55
<b>5 CONCLUSÃO</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>64</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na busca pelo entendimento do funcionamento do mundo conjuntural, percebe-se que a evolução de alguns fenômenos históricos é decisiva para a análise da atualidade. Dois destes eventos são abordados neste trabalho: a religião e o sistema econômico. Interessantemente, estes dois processos, além de sozinhos contribuírem para o entendimento e formação social, também exercem influências um sobre o outro. Esta dinâmica de correlação é objeto de análise desta monografia.

Uma das interpretações deste encadeamento, que sustentará teoricamente este trabalho, foi realizada pelo economista, sociólogo, jurista e historiador alemão Karl Emil Maximilian Weber, ou, como ficou mais conhecido: Max Weber (1864-1920). Em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” (2007), o autor correlaciona a influência das religiões protestantes com o desenvolvimento das relações sociais capitalistas. A versão da obra utilizada nesta pesquisa é formada pela compilação de três artigos independentes de Weber, escritos nos anos 1904, 1905 e 1920, ano de seu falecimento. No livro, o autor tenta compreender o capitalismo moderno pelo âmbito cultural-religioso, sendo capaz de estabelecer uma relação e suas influências entre a cultura capitalista moderna e o puritanismo adotado pelas igrejas e seitas protestantes dos séculos XVI e XVII que se difundiram na Inglaterra.

À respeito do estudo da religião, outro pensador que deve ser levado em consideração, para fins de entendimento do fenômeno histórico, é o alemão Ludwig Feuerbach (1804-1872). Em “Essência do Cristianismo” (2013), o autor coloca as bases para o futuro entendimento de outro pensador alemão, Karl Marx (1818-1883), conceituando a religião como uma alienação da essência humana. A visão de Feuerbach não engloba o caráter social da religião, como faz Weber, mas sua contribuição ressalta a materialidade do fenômeno religioso como uma criação da essência humana.

Marx apoia-se no materialismo feuerbachiano para criticar a concepção religiosa no texto “Crítica da Filosofia de Direito de Hegel – Introdução” (1843). Apesar de não analisar com clareza a relação entre economia e religião, o autor aponta para o caráter dialético da religião, onde ela é, ao mesmo tempo, a manifestação da miséria real que assola os homens e o protesto dos homens contra essa miséria:

A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo (MARX, 1843, s/p).

Nota-se que para Marx a religião acaba contribuindo para a perpetuação das relações materiais de exploração. Há que se pontuar, porém, que, nesta obra, o conceito de materialismo histórico de Marx ainda não estava desenvolvido (LÖWY, 2007). Já em “A Ideologia Alemã” (1846), Marx e Engels deixam de se apoiar no materialismo feuerbachiano e desenvolvem o materialismo dialético. Neste momento, a religião não seria uma alienação da essência humana, mas um reflexo da alienação que ocorre devido às contradições sociais da vida material, pois o fenômeno religioso se manifesta de formas diferentes de acordo com tempo histórico e o tipo de sociedade que é responsável por sua criação.

As abordagens apresentadas, apesar de suas diferenças, apontam que a religião é oriunda da ação humana. Este trabalho, entretanto, baseia-se no materialismo histórico, uma vez que este aborda a materialidade da religião, seu caráter social, seu uso como instrumento não só de legitimação, mas também de contestação do *status quo* e encara a religião como consequência das relações sócio-materiais dadas pela luta de classes.

Neste sentido, Oliveira (2020) argumenta que a interpretação e a pregação das teologias pentecostais pela Universal estão, justamente, ligadas à materialidade social do sistema econômico capitalista neoliberal no qual a instituição surge e se desenvolve. Apesar do discurso da IURD apresentar um tom de revolta quanto à pobreza, a solução que ela indica é a imersão do fiel nos mecanismos do sistema capitalista, a fim de se alcançar uma ascensão social individualizada, em vez de buscar a emancipação das causas da miséria.

Neste trabalho, o capitalismo é entendido como um sistema econômico com horizontes globais que opera no discurso da livre concorrência, da importância do mercado, do domínio dos meios de produção, da aquisição de capital e da valorização do trabalho. Por capitalismo, compreende-se um sistema econômico que surgiu no Ocidente durante a transição da Idade Média (séculos V-XV) para a Idade Moderna (1453-1789) como uma forma de atividade socioeconômica baseada na

propriedade privada e na livre concorrência, devido ao raciocínio sedutor de que se seguir a lógica do mercado há esperanças tangíveis de ascensão.

Quanto ao neoliberalismo, seu surgimento ocorreu após a Segunda Guerra Mundial (1930-1945). Seus traços nasceram de uma crise estrutural do capital, que se refere ao longo período de acumulação ocorrido durante a fase keynesiana<sup>1</sup> (1930-1973). Interessante notar que nesta fase, conhecida como os anos dourados do capital, o que se dizia sobre empreendedorismo era relativo ao sucesso dos já grandes capitalistas, isto é, os vencedores capitalistas eram vistos como empreendedores de sucesso. Veremos que nos tempos atuais a temática do empreendedorismo e a intensa difusão do ideal do empreendedorismo é difundida entre os que estão em grave situação financeira por meio da atuação do neopentecostalismo. No Brasil dos anos 1980, estava formado o cenário econômico da reestruturação neoliberal, onde o desemprego era intenso. Neste momento, houve o crescimento massivo da igreja que pregava a promessa de solução para as questões materiais cotidianas, a Universal do Reino de Deus. Segundo Almeida,

(...) com a população empobrecida e as empresas estranguladas pelo ambiente econômico desfavorável de hiperinflação e recessão, os pastores da IURD prometiam a conquista de um emprego, a promoção profissional, a cura das enfermidades e o fim das dívidas, ou seja, um cardápio que não tardou a seduzir milhares de brasileiros desesperançados (ALMEIDA, 2020, p. 20).

O termo neopentecostal ou neopentecostalismo foi cunhado nos Estados Unidos (EUA) em 1970 e tornou-se expressão chave entre boa parte dos estudiosos do fenômeno religioso pentecostal no Brasil (MARIANO, 1999). Para compreender o prefixo “neo”, faz-se necessário, nesta introdução, apresentar o Pentecostalismo. Utiliza-se neste trabalho, a conceitualização e a categorização pentecostal realizada por Ricardo Mariano (1999) no livro “Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil” e por Paul Freston, no texto “Breve história do pentecostalismo brasileiro”, de 1994. O pentecostalismo surgiu da divisão no interior dos movimentos protestantes (sociologicamente, classificados como protestantismo

---

<sup>1</sup> Keynesianismo é a teoria econômica consolidada pelo economista inglês John Maynard Keynes em seu livro “Teoria geral do emprego, do juro e da moeda” (1992), que consiste numa organização político-econômica, oposta às concepções liberais, fundamentada na afirmação do Estado como agente indispensável de controle da economia, com o objetivo de conduzir a um sistema de pleno emprego. Tais teorias tiveram uma enorme influência na renovação das teorias clássicas e na reformulação da política de livre mercado (KEYNES, 1992).

histórico) ocorrida no final do século XIX, em torno do conflito que se deu pela interpretação do segundo capítulo do livro bíblico de Atos dos Apóstolos.

A expansão derradeira dos grupos pentecostais no continente americano se deu a partir da metade do século XX, quando os neopentecostais, amparados pela Teologia da Prosperidade (TP), começaram a construir sua base de fiéis, hoje a de maior número no pentecostalismo. Esse movimento derrubou todos os tabus existentes entre religião e dinheiro, uma vez que defende o direito do cristão de ser feliz, rico e bem sucedido no plano terreno (ALMEIDA, 2020). Para tal, é imprescindível que o fiel conte com a ajuda divina em suas tentativas, disponível somente para aqueles livres de espíritos malignos e dispostos a sacrifícios financeiros em nome de Deus, por meio de dízimos e de ofertas. Essa teologia criada nos Estados Unidos e importada para o Brasil no século passado permitiu que as igrejas neopentecostais adotassem uma estrutura similar a de empresas multinacionais, com hierarquias bem definidas, aquisição de empreendimentos estratégicos, investimento em marketing e sedes em múltiplos países (RODRIGUES, 2011). O montante arrecadado dos fiéis financiou as despesas de crescimento desse mecanismo voltado para a expansão, que, por sua vez, atingia um público cada vez maior de evangelizados em potencial. A consolidação desse verdadeiro ecossistema escalável só foi possível graças às promessas e aos anseios ambiciosos que a teologia da prosperidade gera nos frequentadores dos cultos, majoritariamente pertencentes às classes baixa e média, vítimas da instabilidade e do desamparo que a economia neoliberal proporciona aos mais pobres.

Trazendo o debate para as Relações Internacionais (RI), faz-se necessário pontuar que a religião só passou a ser considerada como pauta na disciplina a partir da Guerra Fria (1947-1991). Com as profundas mudanças no sistema político-internacional resultantes do período, alguns analistas internacionais sugerem que o estudo das RI na história contemporânea comporta múltiplos olhares, possibilitando novas abordagens. A decorrente “virada religiosa” ou “virada para a religião”, dentre outros fatores, caracterizou a ressurgência da religião ao centro dos debates teóricos e acadêmicos das Relações Internacionais (THOMAS, 2014). Para a análise da consolidação do neoliberalismo pela ação internacional da Universal, esta monografia baseia-se na teoria de sistema-mundo de Immanuel Wallerstein (1930-2019).

A nova organização do sistema internacional estabelecida no pós-Guerra Fria consolidou a ideologia neoliberal e demonstrou que as relações de poder no sistema político-internacional não estavam mais restritas somente aos Estados nacionais, podendo envolver novos atores da arena internacional. Sob a expansão do multilateralismo, novos atores internacionais e atores não estatais, a exemplo das Organizações não Governamentais (ONGs), passaram a ganhar cada vez mais espaço num mundo crescentemente pluralista (SILVA, 2005).

Desse modo, a IURD é analisada como um ator não governamental internacional na medida em que se adapta à realidade das demandas sociais dos lugares onde ela se internacionaliza, conciliando discurso e prática com facilidade, de modo a atrair fiéis em cada região onde atua (ROSAS, 2016). Segundo Freston (1999), também é parte do processo de regulamentação jurídico-institucional o crescimento das igrejas nos novos locais de atuação, além das estratégias de adaptação no exterior a fim de superar oposições políticas, uma vez que promove a igreja como instituição religiosa engajada na oferta de benefícios sociais.

Apresenta-se, oficialmente, os objetos de estudo desta pesquisa: o Neopentecostalismo, representado pela atuação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e o Capitalismo, em sua fase neoliberal. O terceiro objeto estudado é a internacionalização da Universal e, conseqüentemente, do capitalismo neoliberal para países periféricos. O recorte desta pesquisa limita-se aos fenômenos analisados: capitalismo, neopentecostalismo e internacionalização.

Importante notar que os temas analisados na atuação da Universal não são locais, pois a religião e o capitalismo são mundiais. Nota-se que a IURD é capaz de navegar entre dois fenômenos estruturantes dos séculos XX e XXI. A partir disso, a pergunta que este trabalho busca responder é: a atuação da Igreja Universal do Reino de Deus contribui para a consolidação e expansão internacional do sistema capitalista neoliberal?

A hipótese levantada nesta pesquisa é a de que a IURD, além de ser instrumento de religiosidade, porta-se também como uma instituição defensora e perpetuadora do neoliberalismo. O objetivo geral da presente pesquisa é, portanto, identificar, sob o aporte teórico marxista<sup>2</sup> das Relações Internacionais, os

---

<sup>2</sup> O marxismo, no campo das Relações Internacionais, procurou estabelecer-se como um contraponto tanto ao realismo como ao liberalismo. Os autores marxistas, em RI, não compartilham da visão predominantemente benigna dos liberais acerca do capitalismo e do comércio internacional como um jogo de soma positiva para os atores envolvidos. De forma semelhante aos realistas, são, em geral,

mecanismos utilizados pela IURD para a defesa e expansão do capitalismo para a periferia mundial. Especificamente, os objetivos intrínsecos à pesquisa são (i) verificar, sob a ótica weberiana, a relação simbiótica entre religião e sistema econômico; (ii) apresentar a IURD e seus mecanismos de atuação alinhados ao neoliberalismo; e (iii) analisar, na internacionalização da IURD para a periferia do sistema-mundo, mecanismos consolidadores do sistema capitalista.

A concepção deste tema de pesquisa surgiu a partir da curiosidade da autora em entender o funcionamento da Igreja Universal e investigar a atuação desta igreja internacionalmente, uma vez que esta é uma das maiores igrejas brasileiras e conta com forte engajamento internacional. Sendo assim, este trabalho serve a alguns propósitos. Pessoalmente, a pesquisa é capaz de sanar algumas dúvidas sobre o funcionamento da instituição, na busca de justificar a grande expansão da IURD. Academicamente, no campo das Relações Internacionais, ainda não são encontrados grandes volumes da área que analisem instituições religiosas. A relevância social deste trabalho se dá pelo incentivo ao pensamento crítico a respeito dos processos sociais formadores da sociedade.

Conforme Baquero (2009), todo estudo de questões sociais deve seguir uma teoria e uma metodologia. Para isso, este trabalho toma forma amparado na metodologia de revisão bibliográfica, análise descritiva e observação de padrões históricos e contemporâneos a respeito da ligação entre religião e sistema econômico. Para a abordagem teórico-metodológica, apoia-se nas já citadas obras dos autores Karl Marx e Max Weber por conta de suas valiosas contribuições para o entendimento de formação da sociedade capitalista. Para o estudo do fenômeno religioso do neopentecostalismo, utiliza-se os estudos de Mariano e de Freston. Por fim, para a análise internacionalista, exploram-se as teorias de sistema-mundo e de hegemonia cultural de Wallerstein e Gramsci, respectivamente.

Na busca pelo desenvolvimento lógico do trabalho e com a intenção de atender aos três objetivos específicos, esta monografia foi dividida em capítulos. No primeiro deles, busca-se entender a relação retroalimentar entre religião e economia e, para isso, a seção se desdobra em duas partes. Inicialmente, revisita-se mais

---

bastante céticos em relação à possibilidade de cooperação equânime e mutuamente benéfica entre os agentes que a praticam. Em relação aos realistas, os marxistas questionam a premissa de que os Estados agem autonomamente no sistema internacional, sem considerar as disputas e os interesses das classes sociais. Esses conflitos sociais, ademais, não necessariamente se limitam às fronteiras nacionais, e podem-se alastrar em compasso com a conformação do capitalismo global. As classes sociais, assim, precedem os Estados na escola marxista (JUBRAN; LEÃES; VALDEZ, 2015).

detalhadamente o estudo de Weber sobre as afinidades encontradas entre o protestantismo e o capitalismo da modernidade. Depois, aplica-se a mesma lógica na análise do neoliberalismo e o movimento pentecostal brasileiro.

O segundo capítulo contempla a apresentação da formação da Igreja Universal, evidenciando como a instituição neopentecostal se beneficia dos desequilíbrios inerentes ao neoliberalismo. Na segunda subseção, explora-se os mecanismos pelos quais a IURD consegue alinhar suas ações ao momento neoliberal por meio de sua exclusiva interpretação da Teologia da Prosperidade.

Feito isso, o terceiro capítulo une as descrições realizadas até aqui e as insere no campo das Relações Internacionais para analisar a internacionalização da instituição Igreja Universal. Esta seção também se subdivide em duas. Na primeira, são apresentadas as lentes de análise utilizadas, sendo elas, o sistema-mundo para justificar a lógica de expansão do neoliberalismo, e a hegemonia cultural para esclarecer a disseminação da ética religiosa neopentecostal. A segunda parte, finalmente, descreve o processo de internacionalização da IURD e o analisa dentro dos aportes teóricos apresentados.

## 2 CAPITALISMO MODERNO E NEOLIBERALISMO CONTEMPORÂNEO

Entre os séculos XIV e XVII, ocorreram mudanças significativas nos aspectos da estrutura social europeia. Sobre este período, é baseada a análise da aproximação do capitalismo com o protestantismo de Max Weber (2007). O trabalhismo, a racionalidade e a noção de que o destino dos homens estava em suas próprias mãos foram estimulados a partir da Reforma Protestante<sup>3</sup>. Os movimentos reformistas ocorreram paralelamente ao renascimento, à passagem do feudalismo para o capitalismo e ao fortalecimento das monarquias nacionais europeias como resultados da nova visão sobre o homem, dada pelo humanismo e pelo racionalismo (SOUZA, 2007).

É neste contexto que Weber (2007) verifica que a interpretação luterana de vocação foi ao encontro da ideia de vocação para o trabalho que o capitalismo necessitava; e que o individualismo, pregado por Calvino, se conciliou com o espírito do capitalismo que se estruturou junto à Idade Moderna. Este é o fenômeno detalhado na primeira subseção deste capítulo.

Após estabelecer estas bases teóricas, a segunda subseção estuda a ética neopentecostal e a sua relação com o sistema econômico. Para tanto, será exposto o contexto histórico que resultou no neoliberalismo brasileiro e, depois disso, verifica-se o fenômeno do Neopentecostalismo através de uma breve historicização da origem do Protestantismo Pentecostal de seu desenvolvimento no Brasil.

### 2.1 VOCAÇÃO, PREDESTINAÇÃO E PURITANISMO NO ENSAIO WEBERIANO

Na obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, Weber (2007) apresentou como questão principal a vontade de entender de que forma a religiosidade seria capaz de incitar ou restringir o avanço do sistema econômico. Em termos mais claros, o autor questiona se a doutrina protestante influenciou na

---

<sup>3</sup> A Reforma Protestante foi um grande movimento dentro do cristianismo ocidental na Europa do século XVI, que representou um desafio religioso e político para a Igreja Católica e em particular para a autoridade papal, decorrente do que eram percebidos como erros, abusos e discrepâncias pela Igreja Católica. A Reforma foi o início do Protestantismo e a divisão da Igreja Ocidental em Protestantismo e o que é hoje a Igreja Católica Romana. Também é considerado um dos eventos que significam o fim da Idade Média e o início do período moderno na Europa (ARMSTRONG, 2002).

configuração e estabilização do capitalismo, ao que indica:

Em face da enorme barafunda de influxos recíprocos entre as bases materiais, as formas de organização social e política e o conteúdo espiritual das épocas culturais da Reforma, procederemos tão-só de modo a examinar de certo se, e em quais pontos, podemos reconhecer determinadas “afinidades eletivas” entre certas formas da fé religiosa e certas formas da ética profissional. Por esse meio e de uma vez só serão elucidadas, na medida do possível, o modo e a direção geral do efeito que, em virtude de tais afinidades eletivas, o movimento religioso exerceu sobre o desenvolvimento da cultura material (WEBER, 2007, p. 83).

Para seu estudo feito por individualismo metodológico, Weber coletou dados sobre seu país, Alemanha, onde percebeu uma peculiaridade entre a posição econômica dos homens e a religião que professavam: a maioria dos “homens de negócios” (2007, p. 63), os bem sucedidos, eram protestantes, ao passo que os que não eram tão sucedidos em comparação, eram católicos. Na busca de entender as afinidades eletivas entre o capitalismo e o protestantismo e delimitar até que ponto essa relação chegava, Weber expande sua pesquisa e analisa o cenário macro europeu. Encontra, agora, que as regiões que mais se desenvolveram cultural e economicamente foram as adeptas ao protestantismo: Alemanha e Inglaterra tinham um capitalismo mais difundido; em contrapartida, em países católicos, como Portugal e Espanha, o capitalismo estava mais atrasado (WEBER, 2007).

Uma das transformações que marcou a passagem da Idade Média para a Idade Moderna foi o aumento dos estudos religiosos, por meio da imprensa. Essa nova realidade resultou no crescimento dos números de exemplares da Bíblia, que agora podiam chegar às mãos dos estudiosos e da população. A partir disso, diferentes interpretações começaram a surgir da doutrina cristã. Até então, somente a Igreja podia decifrar as escrituras, sendo vedado ao povo o direito de ler a Bíblia (SOUZA, 2007). Um dos primeiros a questionar essa proibição sobre a interpretação da Bíblia foi Martinho Lutero, um frei Agostiniano. Após estudo extenso sobre a Bíblia, concluiu que o homem corrompido em razão do pecado original só poderia ser salvo pela exclusiva fé em Deus, sendo a fé, e não as obras, o único instrumento de salvação, graças à misericórdia divina (LUTERO, 2015). Cabe ressaltar que os condicionantes para a formação do mundo capitalista — vocação para o trabalho e acumulação de capital — como sinais de salvação, foram encontrados por Weber nos estudos de Lutero (2015) e Calvino (2007).

A origem do protestantismo está no esforço de Lutero em traduzir a Bíblia do latim para o alemão e distribuí-la para toda a população, que ocasionou uma reforma educacional, pois grande parte da população, antes analfabeta, agora deseja ser alfabetizada para poder ler e entender as escrituras sagradas. Por conseguinte, qualquer pessoa podia ler e interpretar a Bíblia (SOUZA, 2007). Lutero (2015) se posicionou contrariamente aos mandamentos da Igreja Católica por diversos fatores identificados na conduta do catolicismo, sobretudo em razão da corrupção do alto clero. Para acumular riquezas, o alto clero de Roma utilizava o comércio de relíquias sagradas, como imagens, espinhos que coroavam o fronte de Cristo e panos embebidos pelo “sangue de Cristo”. Ainda, a Igreja Católica passou a vender indulgências, isto é, mediante um pagamento, destinado a financiar obras da Igreja, os fiéis podiam comprar a salvação e a entrada do céu.

Segundo Souza (2007), os fatores socioeconômicos que levaram ao posicionamento de Lutero concentram-se na condenação da Igreja Católica sobre o lucro excessivo e a proibição da usura, o que se chocava com a ganância burguesa da época. Isso porque os comerciantes não se sentiam confortáveis para lucrar, dado que viviam ameaçados pelo “inferno”. Existia então, a necessidade de uma nova ética religiosa mais adequada à expansão comercial e à transição do feudalismo para o capitalismo. Como resultado deste acúmulo de divergências entre Lutero e a Igreja Católica, o mesmo publicou, em 1517, as 95 Teses, nas quais defende como, a partir de sua interpretação da Bíblia, que a salvação somente poderia ser lograda pela fé, não por méritos humanos. Ainda, o teólogo trouxe uma nova visão sobre o trabalho, na qual deveria ser entendido como um retorno à vontade divina, chegando, assim, à teologia da destinação. Em sua análise deste ponto, Weber (2007, p. 77) escreve que: “o indivíduo deve permanecer fundamentalmente na profissão e no estamento em que Deus o colocou e manter sua ambição terrena dentro dos limites dessa posição na vida que lhe foi dada”.

Assim, nota-se que Lutero contribuiu para o despoite da interpretação do chamado divino para o exercício do trabalho como dever e vocação, contribuindo, assim, para a interpretação racional do trabalho. Inicialmente, Lutero (2015) não projetava a intenção de formar uma nova religião, buscava apenas reformar a Igreja Católica. Por conta disso, Weber conclui que Martinho Lutero seguiu preso a algumas ideias da Igreja medieval, logo, ainda estava longe do “espírito do

capitalismo”, pontuando que:

(...) Lutero teria sido um legítimo representante da ética tradicionalista: Antes de tudo, é escusado lembrar que não tem cabimento atribuir a Lutero parentesco íntimo com o “espírito capitalista”, seja no sentido que até agora associamos a essa expressão ou de resto em qualquer outro sentido. (...) nas incontáveis declarações de Lutero contra a usura e a cobrança de juros em geral, se confrontada com a escolástica tardia, emerge como francamente “retrógrada” (de um ponto de vista capitalista) sua representação da natureza do lucro capitalista (WEBER, 2007, p. 74-76).

A fim de inserir o objeto de estudo desta pesquisa nesta discussão, se faz pertinente apontar que a teologia da Igreja Universal recebeu pouca influência direta do luteranismo. Duas das similaridades que podem ser percebidas, de acordo com Oliveira (2019), é a relação direta entre Deus e o fiel e a crença na salvação da alma através da fé e a oposição à Igreja Católica. No entanto, a teologia de Lutero e a pregação da IURD divergem em alguns pontos. A distribuição, por parte da Universal, de objetos mágicos com supostos poderes curativos, por exemplo, está em clara oposição ao desencantamento proposto por Lutero (OLIVEIRA, 2019).

A Reforma Protestante também foi difundida por João Calvino na França, a partir de 1534. Ao incentivar a busca da salvação por meio do trabalho e da vida regrada, Calvino assume uma postura mais radical que Lutero, haja vista a defesa pela predestinação à salvação ou à condenação do homem, podendo salvar-se apenas santificando a própria vida. Para Max Weber, Calvino representou uma peça primordial para o entendimento da dinâmica que preparou a fundação do espírito capitalista moderno, uma vez que apontou em Lutero um espírito “retrógrado” em relação ao capitalismo incipiente. Em sua teologia, Calvino transmitiu a ideia de que o homem, por conta do seu estado de pecado perpétuo:

(...) perdeu por inteiro toda a capacidade de sua vontade para qualquer bem espiritual que o leve à salvação (...) Tanto que um homem natural, estando totalmente afastado desse bem e morto no pecado, não é capaz, por seu próprio esforço, de converter-se ou de preparar-se para tanto (WEBER, 2007, p. 91).

Calvino publicou, em 1536, a obra “Instrução da Religião Cristã”, na qual afirmava que o ser humano estava predestinado, de modo absoluto, a merecer o céu ou o inferno. Por conta do pecado original cometido por Adão, todos os homens já nasciam pecadores, mas Deus tinha escolhido alguns destes para serem salvos,

enquanto outros seriam condenados à maldição. Nenhuma atitude terrena seria capaz de alterar o destino divino. Apenas a fé, existente em algumas pessoas, poderia ser interpretada como um sinal de que elas estariam salvas. Tais eleitos à salvação, sentiriam dentro do coração um irresistível desejo de combater o mal do mundo, simplesmente para a glória divina. Ainda, a prosperidade econômica de algumas pessoas, sua riqueza material, era interpretada pelos seguidores de Calvino como um sinal da salvação predestinada (SOUZA, 2007).

Com sua doutrina, Calvino ensinou que existiriam duas categorias de homens: os eleitos para a vida eterna e os eleitos para a separação eterna de Deus. Estes seriam os que vivem longe da cristandade; ao passo que aqueles seriam os homens que coletavam êxitos espirituais e materiais — sinais da predestinação divina. Dessa forma, todos os homens deveriam se considerar escolhidos aos céus, visto que “o trabalho profissional sem descanso (deveria ser entendido) como meio mais saliente para se conseguir essa autoconfiança” (WEBER, 2007, p. 102).

Sendo assim, é possível perceber que o calvinismo, através da ideia radicalizada da predestinação, formou um modelo de homem burguês obediente: culto ao trabalho, à religião, à poupança e ao lucro máximo. O sucesso econômico, para esse homem calvinista, era sinal da predestinação divina. Esta forma de pensamento foi bem aceita pela burguesia comercial, segundo Souza (2007), por uma razão simples: a ganância do lucro era justificada pela ética religiosa calvinista. Ainda, Weber (2007) apresenta a ideia calvinista de que o trabalho afasta os crentes das tentações, até o ponto que a falta de vontade de trabalhar deveria ser entendida como um sinal de ser predestinado a não ser salvo. Nesse sentido, Weber realiza um paralelo entre o querer ser pobre como o mesmo que querer ser um doente, o que seria condenável porque contraria o princípio de santificação pelas obras.

A forte valorização do trabalho e o conseqüente enaltecimento do individualismo, para Weber (2007), encontram-se enquanto pilares burgueses, tornando-se a sustentação necessária para alavancar o capitalismo moderno. Assim, a doutrina protestante de Calvino conferiu um novo olhar sobre o trabalho ao inculcar-lhe noções positivas como a atuação do cristão calvinista no trabalho e em sua vida profissional para a honra e glória de Deus. Sendo assim, o trabalho e a disciplina cimentavam o incipiente capitalismo moderno e atendiam aos interesses da burguesia (WEBER, 2007).

Ainda, são nos dogmas calvinistas que se encontra a noção de que o dinheiro era o meio utilizado por Deus para fornecer o sustento do homem. O ascetismo<sup>4</sup> calvinista implicava no pensamento de que era dever se sentir um eleito por Deus. Certeza essa, que precisava de ser representada pela disciplina diária, o que gerava a auto inspeção constante do cristão em busca da conduta de vida esperada de um eleito de Cristo (WEBER, 2007). Sendo assim, o trabalho profissional racional é o que Deus exige, e sua ênfase está no caráter metódico da ascese vocacional. O autor aponta também que, pela visão calvinista, a desigualdade humana era vista como um atributo orgânico da natureza, e não como um bloqueador da busca da felicidade terrena. Os homens modernos, pois, eram vistos como ferramentas intramundanas de glorificação através de suas ações.

Pode-se notar, a partir disso, que a ascese cristã é o esforço do indivíduo que professa a fé cristã em dominar os próprios sentidos no intuito de santificar-se segundo os princípios religiosos. Com o calvinismo, na análise weberiana, aumentou-se a importância do racionalismo econômico e do individualismo — por meio da vocação profissional e o condicional aumento da produção no trabalho, como ressalta Weber:

Eis um exemplo justamente daquela atitude que deve ser chamada de “tradicionalismo”: o ser humano não quer “por natureza” ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro, mas simplesmente viver, viver do modo como está habituado a viver e ganhar o necessário para tanto (WEBER, 2007, p. 53).

Aqui se encontra a chave do dogma protestante, pois o trabalho vocacional aparece como uma tarefa ordenada por Deus, na qual cada indivíduo deve adaptar-se a ela. O homem precisa trabalhar todos os dias, mesmo o rico, para cumprir sua destinação, para a glória de Deus (SOUZA, 2007). Conforme Weber (2007), o movimento protestante foi o marco em que houve a alteração de uma mentalidade que não percebia os efeitos das mudanças nas relações sociais pela visão que começa a modificar de forma incômoda a conduta da vida.

---

<sup>4</sup> Em grego, a palavra *áskesis* quer dizer ‘exercício físico’. Ascese, ascetismo ou ascética é o controle austero e disciplinado do próprio corpo através da evitação metódica do sono, da comida, da bebida, da fala, da gratificação sexual e de outros tantos prazeres deste mundo. Weber distingue dois tipos principais de ascese. A que aqui nos interessa: ascese do protestante puritano, que é “intra mundana” e faz do trabalho diário e metódico um dever religioso, a melhor forma de cumprir, “no meio do mundo”, a vontade de Deus. É por isso que na sociologia de Weber as formas puritanas de protestantismo recebem o rótulo de “protestantismo ascético” (WEBER, 2007, p. 280).

Localizando a relação de influência da doutrina calvinista com os preceitos da Igreja Universal, Oliveira (2019) indica que a IURD, ao contrário de Calvino, não valida a noção de predestinação, mas acredita que todas as pessoas são passíveis de salvação. Porém, ambas concepções convergem quanto à visão sobre as atividades econômicas. Se o Calvino mostrava-se tolerante, a Igreja Universal dá status de sagrado a estas atividades, sobretudo quando são lucrativas para seus fiéis, e não condena, ao contrário de Calvino, nenhuma prática de “usura” ou ostentação de riquezas. Estas, na ótica iurdiana, são vistas como bênçãos (OLIVEIRA, 2019).

A fim de dar continuidade ao seu trabalho, o terceiro segmento destacado por Weber, após Lutero e Calvino, foram as seitas protestantes<sup>5</sup>. O puritanismo observado nessas organizações menores justificava a busca por dinheiro e riqueza — antes condenados pelo catolicismo — a partir do qual Weber aponta para o espírito de lucro do capitalismo. Como o dinheiro era um sinal de salvação, enriquecer passou a ser bem visto pelos religiosos/fiéis. Sendo assim, Weber (2007) conclui que a pregação destes valores causou efeitos no comportamento dos homens que formavam a burguesia protestante, e acompanhou o desenvolvimento do capitalismo por contribuírem decisivamente com as bases do moderno sistema capitalista. Cabe destacar a influência que a Reforma Protestante teve na organização religiosa em outras regiões da Europa, como verificado no protagonismo dos puritanos ingleses a partir do Anglicanismo. Inspirada em Calvino, a Reforma Inglesa buscou a “purificação” da Igreja Anglicana, removendo dela os resíduos do catolicismo e pregando a conduta ascética e severa aos clérigos e aos fiéis (OLIVEIRA, 2019).

Os puritanos, segundo Silva (2000), em razão de perseguições religiosas, emigraram para as Treze Colônias em busca de liberdade religiosa, em 1620 e, com isso, difundiram o seu modo de vida ascético de influência calvinista. Para Weber, a disseminação do estilo de vida puritano favoreceu o desenvolvimento da vida econômica racional da burguesia, sendo, para ele, “a alavanca mais poderosa que se pode imaginar da expansão dessa concepção de vida que aqui temos chamado de “espírito” do capitalismo” (WEBER, 2007, p. 157).

---

<sup>5</sup> Seitas era o termo weberiano utilizado para definir as religiões menores e mais radicais de origem protestante (ANDRADE, 2021).

Nesse momento, Weber (2007) aponta que o resultado prático do puritanismo se torna o acúmulo de capital. Segundo o autor, o ascetismo transformou o mundo e nele estabeleceu seus ideais, bem como os bens materiais adquiriram um poder crescente e inexorável sobre a vida do homem. A “ordem econômica capitalista precisa dessa entrega de si à “vocação” de ganhar dinheiro” (2007, p. 64), mas, os povos católicos ignoram essa ideia de vocação profissional, de posição na vida ou de um ramo de trabalho definido, também chamada em alemão de *beruf*<sup>6</sup>, “ao passo que ela está presente em todos os povos predominantemente protestantes” (WEBER, 2007, p. 71). Apresenta-se aqui o fato de que o puritanismo ter sacralizado a busca pela acumulação de riquezas — como evidência de sua doutrina da predestinação divina — faz com que a Igreja Universal meça a prosperidade financeira de seus membros como sinais de bênçãos alcançadas, além de que instiga fortemente a busca pelo enriquecimento por parte deles.

A vocação de Lutero, a predestinação de Calvino e o puritanismo das seitas protestantes, então, são os elementos que cimentaram o sistema capitalista. Conclui-se, por fim, que o capitalismo foi uma consequência imprevista do protestantismo, pois a nova doutrina cimentou as bases do espírito capitalista, promovendo ideias e hábitos que favorecem a procura racional e individualista de ganho econômico. Porém, no decorrer de sua produção sociológica, Weber apresenta uma contradição da relação entre o protestantismo e o capitalismo. O pessimismo de Weber se ligava à ideia de que o capitalismo acabou induzindo os homens a uma espécie de trabalho escravo, no qual todos estavam submetidos às regras impostas pelo sistema, que acabou despersonalizando os sujeitos (ANDRADE, 2021).

Souza (2007) analisa que o protestantismo foi importante, na medida em que a riqueza pessoal passou a ser justificada pela moral e ética religiosa, não sendo mais condenável acumular riquezas e prosperar financeiramente. Era tudo o que o capitalista precisava ouvir para que ele não tivesse problema de consciência sobre o novo modelo econômico e de produção que se instaura em boa parte do mundo. A justificação do homem veio através da fé e da dedicação ao trabalho.

Ao agir de acordo com o funcionamento imperativo do mercado, os indivíduos acabaram sendo aprisionados em “gaiolas de ferro” (ANDRADE, 2021, p. 145). Com

---

<sup>6</sup> *Beruf*: dependendo da ênfase contextual, será traduzido ou por vocação ou por profissão (WEBER, 2007).

esse argumento em vista, deve-se notar que o capitalismo, em um movimento contrário, altera a ética protestante, passando a incitar o consumo e não mais a acumulação, evidencia-se, aqui, a relação de retroalimentação entre os fenômenos analisados. A ascensão do capitalismo representou o progresso da razão. Para Weber (2007) era justamente essa a contradição: de um lado, o progresso e a prosperidade material; de outro, a gaiola de ferro que limita a ação do homem.

Nesse sentido, Weber (2007) sinaliza, no final de sua obra, que o espírito capitalista detectado na religiosidade protestante, considerado como fundamental para o princípio do sistema capitalista, agora já não é mais necessário. O capitalismo adquiriu própria musculatura e passou a andar com seus próprios pés. Em outras palavras, inicialmente, o capitalismo era dependente de um espírito ou de uma cultura de determinados sujeitos, e teve no protestantismo calvinista e suas ramificações os tipos ideais. Agora, contudo, é o capitalismo que tem o controle desses próprios sujeitos e consegue aprisioná-los em sua própria gaiola de aço.

Weber (2007) preocupou-se em entender como as concepções e as ambições da burguesia harmonizavam-se com o desenvolvimento econômico do capitalismo. Para tanto, procurou mostrar de forma racional como a questão teleológica, no caso o calvinismo e suas ramificações, contribuiu para impulsionar o capitalismo por meio da remoção de obstáculos que até então eram incompatíveis com a economia de mercado, a saber, a identificação de afinidades eletivas entre o pensamento religioso e o comportamento do capitalismo como modo de produção. Entretanto, aqueles grupos que deram lastro, isto é, tinham o espírito do capitalismo para o desenvolvimento econômico, acabaram, paradoxalmente, presos às teias do próprio sistema. É a chamada gaiola ou jaula de ferro que acabou aprisionando os homens um sistema do qual eles não têm o controle.

A trajetória percorrida pelo capital acompanhou as transformações ocorridas pelo cristianismo, desde a passagem do catolicismo-romano para o protestantismo, seguida pela formação do pentecostalismo e, mais recentemente, pelo neopentecostalismo (ALMEIDA, 2020). Tendo em vista a emancipação capitalista diagnosticada por Weber (2007) e o desenvolvimento do Cristianismo encontrado em Almeida (2020), a próxima subseção evidencia a inversão da relação de influência simbiótica. Até aqui, estudou-se como os dogmas protestantes apoiaram o capitalismo e, agora, analisa-se de que forma o sistema capitalista é capaz de embasar as pregações das igrejas neopentecostais, especialmente, da Igreja

Universal do Reino de Deus e, conseqüentemente, moldar o comportamento de seus fiéis para servirem ao sistema econômico.

## 2.2 O ESPÍRITO NEOLIBERAL NO BRASIL

Na subseção anterior, foram expostos os princípios formadores do *ethos* capitalista que apoiaram as bases do desenvolvimento econômico de alguns países europeus, como Inglaterra, Alemanha e Suíça. Sendo eles: trabalho como vocação, a riqueza gerada pelo trabalho interpretada como sinal divino de salvação e o ascetismo puritano.

Nesta segunda parte do capítulo, observa-se que a relação entre religião e sistema econômico se inverte simbioticamente. Weber detectou que a ética protestante (religião) fundamenta o capitalismo moderno (sistema econômico), porém, no percurso histórico, a lógica foi invertida: o sistema econômico passa a influenciar as bases dos dogmas religiosos. Particularmente, analisa-se como o neoliberalismo<sup>7</sup> (conceito econômico capitalista) é capaz de inspirar a prática das igrejas neopentecostais (oriundas do movimento protestante). Com esta subseção, estabelecem-se as bases de entendimento teórico dos fenômenos analisados, com foco no neoliberalismo brasileiro e na atividade da instituição neopentecostal Igreja Universal do Reino de Deus.

Nas obras “Para a Crítica da Economia Política” (1859) e o “Capital” (1867) de Marx, importa atentar ao fato de que o capitalismo é um sistema socioeconômico originado por uma evolução permanente, no qual a produção, o consumo, a lógica de mercado, o lucro e o capital estabelecem um processo cíclico de sua própria sobrevivência, que influenciam a noção de tempo da sociedade. Segundo o autor, o homem nasce em condições materiais, sociais e intelectuais que não precisam considerar seus desejos ou decisões, ou seja, uma porção do que se acredita foi desenhado em um processo histórico de domínio, exclusão e de divisão de classes.

---

<sup>7</sup> Para argumentar a respeito da importância do sistema econômico e esclarecer os pontos que identificam o momento neoliberal, há que se elencar as crenças fundamentais do liberalismo clássico, a saber: as liberdades de mercado, de organização da sociedade civil entre indivíduos livres e iguais e de consciência (ALMEIDA, 2020) para então explorarmos a sua nova forma, o neoliberalismo. Nota-se que o ponto focal do liberalismo é a propriedade privada, elemento capaz de estratificar indivíduos, grupos e classes sociais. Garantidor desta propriedade, é o Estado. Neste sentido, Wood (2003) aponta que o coração do liberalismo é a diferença entre Estado e sociedade, pois é essa distância que permite a defesa da liberdade econômica (de mercado) e da liberdade de ação social, distintas das esferas pública ou política.

Desse modo, deve-se notar que as relações entre os indivíduos ocorrem dentro da lógica dos modos de produção, em que a força da economia capitalista é a responsável por definir as identidades históricas, sociais e culturais.

Para Marx (1859; 1867) e Weber (2007), a religião é apontada como uma expressão individual do homem nas condições do capitalismo. No entendimento de Libâneo (2004), a diversidade de crenças religiosas foi outra consequência trazida pela Reforma Protestante, que, por seu turno, ocorreu por conta da nova vida econômica da burguesia. As grandes mudanças nas ordens econômicas e sociais demandam mudanças nas formas religiosas. A nova classe média capitalista desejava libertar-se não apenas das restrições econômicas, mas também da vergonha moral que a Igreja Católica lançou sobre as suas motivações.

Dessa forma, pode-se notar que as igrejas que nasceram com a Reforma Protestante, expressavam um contexto em que as sentenças religiosas não ditavam mais as regras. Portanto, a religião não é mais vista como formadora da moral humana. A partir deste momento, as igrejas passam a ser parte da vida privada (LIBÂNEO, 2004). Com uma atividade socioeconômica baseada numa relação entre os donos dos meios de produção – que têm o capital como base hegemônica – e a classe de trabalhadores, o capitalismo se configura num campo sócio formativo em que a lucratividade é o fim principal de sua subsistência e, de certa maneira, exerce controle sobre os princípios lógicos que regem a própria sociedade (ALMEIDA, 2020).

Eric John Ernest Hobsbawm, historiador britânico, em sua obra publicada em 1996, aponta que o ano de 1848 marcou o início do que chamou de “A Era do Capital”, (frase que intitula seu livro), referindo-se ao período áureo do liberalismo, no qual nota-se um movimento em direção à total liberdade de comércio. É a partir deste momento que a democracia representativa ganha força nos países mais desenvolvidos, acompanhada de alguns elementos característicos: o sufrágio universal<sup>8</sup>, o avanço do comércio internacional e a autonomia das empresas que não dependem mais da ajuda direta do Estado — por causa da acumulação privada de seus lucros. Além disso, o trabalho escravo torna-se um obstáculo ao processo de

---

<sup>8</sup> O sufrágio universal dá o direito de voto a todos os cidadãos adultos, independentemente de riqueza, renda, gênero, status social, raça, etnia, posição política ou qualquer outra restrição, sujeita apenas a exceções relativamente menores. Em seu uso original do século 19 pelos reformadores na Grã-Bretanha, o sufrágio universal era entendido como apenas o sufrágio universal da masculinidade; o voto foi estendido às mulheres mais tarde, durante o movimento de sufrágio feminino que começou na Nova Zelândia no século XIX (BRITANNICA, 2020).

acumulação. Portanto, a existência das colônias começa a deixar de ser pré-requisito para acumulação de capital nas metrópoles.

Deste momento até as primeiras décadas do século XX, o liberalismo é a lei capitalista, deixando de ser um requisito para se tornar uma exigência para o avanço do capital. Com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Estado liberal enfraqueceu por não ser um modelo assegurador de existência digna (HOBSBAWM, 1996). A quebra da Bolsa de Valores de 1929 e a posterior crise do capital de 1930 impulsionaram, por meio da aplicação da política keynesiana, um novo desenvolvimento de Estado social, o *welfare state* (Estado de bem-estar social), que se caracterizava pela intervenção do Estado na economia capitalista, em contraposição ao Estado liberal. No Estado de bem-estar social, eram encontradas medidas como tabelamento de mercadorias, serviços e salários, controle do comércio exterior, incentivos fiscais e de crédito, concessão de contratos de fornecimento ao Estado e execução de obras públicas (SANDRONI, 1994).

Entre os desdobramentos políticos do pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945), tem-se a conversão da teoria keynesiana em ortodoxia, uma vez que o Estado Social passou a intervir agressivamente para além das instituições estatais (escolas, hospitais, meios de comunicação e universidades). A intervenção massiva do Estado passou a atingir também as instituições privadas (relações jurídicas, convênios, dotação de recursos). O que se buscava com isso era possibilitar maior controle sobre a sociedade e incentivar os processos de burocratização. Nota-se, então, que este estado imperativo acentua a hegemonia burguesa e tenta bloquear o levante de movimentos revolucionários, auxiliando na solidez da democracia da burguesia (HOBSBAWM, 1996).

Durante a Guerra Fria (1947-1991), o Estado Social contribui, ainda, para conter quaisquer levantes populares em países do Terceiro Mundo<sup>9</sup>, financiados, através do Fundo Monetário Internacional (FMI), pelos países mais ricos. Por conta de uma superprodução, o Estado de Bem-Estar Social entra em crise, permitindo a emergência do neoliberalismo e o discurso sobre a desregulamentação dos direitos

---

<sup>9</sup> Terceiro Mundo, antiga designação política usada originalmente (1952) para descrever os estados que não fazem parte do primeiro mundo - os estados capitalistas e economicamente desenvolvidos liderados pelos EUA - ou o segundo mundo - os estados comunistas liderados pela União Soviética. Quando o termo foi introduzido, o Terceiro Mundo consistia principalmente no mundo em desenvolvimento, as ex-colônias da África, Ásia e América Latina. Com o fim da Guerra Fria e o aumento da competitividade econômica de alguns países em desenvolvimento, o termo perdeu sua clareza analítica (BRITANNICA, 2022).

trabalhistas, como única solução possível para a competitividade das empresas privadas e para os avanços tecnológicos (HOBBSAWM, 1996). Almeida (2020, p. 39) aponta, porém, que aliado a esse discurso, manteve-se, em paralelo, um “Estado forte em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e, no controle do dinheiro, mas parco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas”.

Sobre este processo, Batista (1994), pontua que foi montado um receituário a ser seguido rigorosamente nos países menos desenvolvidos economicamente, aconselhando a desregulamentação de suas atividades econômicas a fim de incentivar a participação de capitais privados nacionais e estrangeiros e a privatização das empresas estatais. Buscava-se, agora, a descentralização do setor público e a mobilização das ONGs, em sua maioria, estrangeiras. Cabe aqui ressaltar que os países desenvolvidos não praticaram o modelo neoliberal que receberam tão dogmaticamente para América Latina, por exemplo, ou que pelo menos não o fizeram com o mesmo rigor que recomendaram (BATISTA, 1994).

Na análise de Almeida (2020), com o neoliberalismo, o desemprego tornou-se estrutural, aumentando a pobreza e enfraquecendo os sindicatos. O capital financeiro fez-se o centro nervoso do capitalismo, ampliando a desvalorização do trabalho produtivo. Com o enxugamento do Estado e a privatização de empresas, os direitos sociais antes vistos como necessários para garantir os direitos civis e políticos tornaram-se serviços prestados para acesso apenas daqueles que podem pagar. Além disso, o autor aponta o FMI e o Banco Mundial como os novos centros econômicos, políticos e jurídicos do mundo, operando dentro dos dogmas neoliberais de estabilidade econômica e corte do déficit público. A percepção da diferença entre países de primeiro e de terceiro mundo passa a ser percebida também na divisão entre ricos e miseráveis dentro de cada país.

No Brasil, em meados dos anos 1970 e 1980 passa-se a notar os traços de uma cooptação ideológica dos setores intelectuais da burguesia latino-americana em favor das ideias da livre iniciativa: combate à inflação através de planos de estabilização pela valorização das moedas nacionais; abertura da economia, com a desregulamentação dos mercados de produtos e financeiros; e a quebra dos monopólios estatais (ALMEIDA, 2020). A partir do Consenso Washington<sup>10</sup>, há a

---

<sup>10</sup> Consenso de Washington: em novembro de 1989, reuniram-se na capital dos Estados Unidos funcionários do governo norte-americano e dos organismos financeiros internacionais ali sediados - FMI, Banco Mundial e BID - especializados em assuntos latino-americanos. O objetivo do encontro, convocado pelo Institute for International Economics, sob o título "Latin American Adjustment: How

entrada de um discurso depreciativo sobre o Estado: qualquer ação ou empresa foi pintada como ineficiente, corrupta e interpretada como desperdício. Ao mesmo tempo, a iniciativa privada era apreciada como a esfera da eficiência, da probidade e da austeridade (BATISTA, 1994).

A implementação desta agenda "neoliberal" no Brasil foi postergada pela atuação dos operários, como as greves do ABC<sup>11</sup> nos anos de 1978, 1979 e 1980. A postura econômica só foi efetivada, de fato, a partir do Governo Collor em 1990. A eleição de Fernando Collor de Mello representava a finalização dessa adequação brasileira às demandas das formas produtivas. Collor iniciou uma reforma administrativa, ancorada no desaparecimento do Estado, na aposentadoria e demissões em massa, na redução do número de ministérios, na privatização de empresas estatais com a intenção de atacar a inflação, seguindo as orientações do receituário "neoliberal", apresentado anteriormente (ALMEIDA, 2020).

Por sua vez, o Plano Real, resultante da administração político-econômica do Governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), em 1994, correspondeu à adesão definitiva do Brasil às deliberações do Consenso de Washington. Almeida (2020) aponta que, neste momento, a grande burguesia brasileira parece ter, finalmente, reconhecido seu representante. FHC adotou todas as medidas que acreditava que poderiam amparar seu projeto de desenvolvimento associado e subordinado às determinações do capitalismo central, em particular, dos Estados Unidos da América. O acatamento incondicional das políticas neoliberais gerou consequências devastadoras: desemprego em massa; flexibilização do contrato de trabalho; terceirização; subcontratação; aumento da miséria; crescimento de todas as formas de desigualdade e de exclusão (BIONDI, 1999).

Segundo a autora Almeida (2020), na visão de Weber da ética protestante como essencial ao espírito capitalista, ele apresenta a acumulação primitiva individual e a consequente valorização do trabalho, acompanhada da valorização da riqueza. Contudo, o dinheiro conquistado não poderia ser consumido sem ser no investimento em novas formas de trabalho. Sendo assim, tem-se "uma ética

---

Much Has Happened?", era proceder a uma avaliação das reformas econômicas empreendidas nos países da região. Para relatar a experiência de seus países também estiveram presentes diversos economistas latino-americanos. Às conclusões dessa reunião é que se daria, subsequentemente, a denominação informal de "Consenso de Washington" (BATISTA, 1994).

<sup>11</sup> As greves de 1978-1980 no ABC Paulista foram uma série de manifestações operárias ocorridas na Região do Grande ABC, no contexto de abertura política da ditadura militar, e que marcaram o ressurgimento do movimento trabalhista brasileiro, após a repressão promovida pelo regime entre 1968 e 1972 (ANTUNES, 1992).

protestante marcada pela postura ascética e racionalidade utilitarista que condenava o uso irracional das riquezas. Temos então a sociedade de empregados” (ALMEIDA, 2020, p. 54)

Devido ao desenvolvimento do espírito do neoliberal, unido ao desenrolar de um novo *ethos*, chega-se a uma nova sociedade. A essência do neoliberalismo, para a autora, está na designação das esferas sociais, políticas e culturais como empresas. O principal ator desta organização, é o empreendedor, acompanhado de uma ética neopentecostal, afinada ao espírito neoliberal, vinculado à prosperidade: “temos então a sociedade de empreendedores” (ALMEIDA, 2020, p. 55).

Está formado, então, o contexto socioeconômico que permitiu a aderência das igrejas da primeira onda, seguindo a classificação de Freston (1994) do pentecostalismo brasileiro. O pentecostalismo clássico possui a Assembleia de Deus (AD) como maior representante da onda. Inicialmente, a AD expandiu-se sobremaneira em número de fiéis e regiões abrangidas, pregando a uma classe social pobre, de baixa escolaridade e marginalizada pela Igreja Católica (MATOS, 2006). No percorrer de seu desenvolvimento, a Assembleia de Deus sentiu a necessidade de se moldar à cultura de consumo das novas classes sociais que passaram a integrar seu círculo de fiéis. Antes, quando seus membros eram compostos, quase exclusivamente, de pessoas pobres, os assembleianos não se sentiam tão incomodados de serem proibidos por seus pastores de consumir coisas das quais já estavam privados devido às suas condições socioeconômicas. Agora, para manter a classe média e a burguesia em seus templos, fez-se necessário uma adaptação da Igreja aos costumes dos membros dessas classes (OLIVEIRA, 2019).

Ainda pela classificação de Paul Freston (1994) e de Ricardo Mariano (1999), a segunda onda é chamada de pentecostalismo da cura divina e é representada pelas Igrejas Evangelho Quadrangular (IEQ) e Pentecostal Deus é Amor (IPDA). Freston (1994) entende que o surgimento da segunda geração no Brasil deu-se devido à urbanização da década de 1950. Assim, a formação de uma sociedade de massas possibilitou um crescimento pentecostal que transcende as limitações do Pentecostalismo Clássico, especialmente no estado de São Paulo. Silva (2000) complementa que esse processo de urbanização foi acompanhado pelo êxodo rural e por um intenso processo migratório para a região sudeste do país. Muitos desses migrantes tiveram que lidar com uma nova realidade, enfrentando muitas vezes uma condição de desterritorialização, de perda de referências, e encontraram nas igrejas

pentecostais uma comunidade na qual puderam comungar com outros seus sonhos, suas inseguranças, seus dramas, suas vidas, conseguindo a partir daí reorganizar suas vidas.

Cazavechia e Toledo (2020), observam que os valores desenvolvidos nas igrejas desta geração se aproximam ainda mais aos valores do consumo e apresentam uma preocupação maior em relação ao presente do que as antecessoras. Para Freston (1994), a postura da IEQ era um sinal de adaptação à sociedade de consumo e às exigências do mercado religioso, amenizando a importância dada aos tabus comportamentais, visto que eles não se encaixam mais em amplos setores urbanos (FRESTON, 1994). A Pentecostal Deus é Amor foi fundada em 1962, por David Miranda, um desempregado que usou sua indenização trabalhista para fundar a igreja na Vila Maria em São Paulo.

O autor Mariano (1999), utiliza o termo “deuteropentecostalismo” para se referir às igrejas da segunda geração do pentecostalismo brasileiro. Constitui um desdobramento institucional tardio, em solo brasileiro, do pentecostalismo clássico norte-americano. Sendo que o desenvolvimento pentecostal no Brasil aconteceu quatro décadas após a chegada das primeiras representantes do Pentecostalismo clássico, a geração apresenta distinções oriundas das inovações evangelísticas (como uso do rádio, tendas, cinemas, teatros e estádios) e da ênfase na cura divina.

Paralelamente a esta visão, Oliveira (2019) pontua mais alguns elementos socioeconômicos que adaptaram o palco para surgimento do deuteropentecostalismo: os altos índices de inflação e, conseqüentemente, a piora das condições de vida do proletariado, principal classe social dos fiéis pentecostais, observado na década de 1950 e 1960. Em sua tese, o autor expressa que frente à dificuldade da vida material, os membros destas igrejas sentiam-se acolhidos e confortados pelas mensagens e promessas de cura e de felicidade. Ainda, o ascetismo da segunda geração, em especial da IPDA, servia como confirmação das más condições econômicas dos seus fiéis. As restrições financeiras que os negavam a possibilidade de possuir televisores, cosméticos e produtos de beleza eram entendidas pelos fiéis como virtude e vontade de Deus, ao contrário de notar a relação injusta de uma sociedade de classes. Já em igrejas compostas pela classe média, como a IEQ, estas restrições são mais brandas, pois não condizem com as condições materiais e o estilo da vida desta classe (OLIVEIRA, 2019).

Conforme apresentado por Almeida (2020), no final dos anos 1970 e início dos 1980, uma alteração na política e economia nacionais abriram espaço para a formação de uma terceira onda, o neopentecostalismo. Entre os anos 1974 e 1982, no Brasil, a transição política — ditadura civil-militar para democracia — estava sob controle dos militares, fazendo com que apenas nos anos de 1985 a 1989 se findasse a substituição por políticos civis. Neste momento de passagem, com a redemocratização do país, ocorre o aumento do poder aquisitivo dos brasileiros, o crescimento do consumo e, principalmente, a implementação das ideias neoliberais. A partir do cenário socioeconômico exposto há a formação do movimento neopentecostal no Brasil (ALMEIDA, 2020). Desde sua fundação, as práticas do neopentecostalismo estão fundamentadas nas dinâmicas sociais da sociedade de consumo, aproveitando-se da miséria e das contradições da sociedade capitalista para estabelecer sua hegemonia (CAZAVECHIA; TOLEDO, 2020). Diante deste cenário econômico, analisa-se, no próximo capítulo, o histórico do pentecostalismo no Brasil até a formação da sua principal representante, a Igreja Universal do Reino de Deus, identificando, portanto, a ética neopentecostal e sua afinidade ao neoliberalismo.

### 3 DO PROTESTANTISMO AO NEOPENTECOSTALISMO BRASILEIRO

O pentecostalismo é um movimento de denominação protestante criado nos Estados Unidos entre o fim do século XIX e início do século XX, com origem no “Movimento de Santidade”, ou *Holiness*. Constituído principalmente por negros, imigrantes e brancos também marginalizados, tinha como pressupostos básicos o batismo no Espírito Santo, a cura pela fé e a glossolalia (OLIVEIRA, 2019). O protestantismo pentecostal no Brasil pode ser ordenado por diferentes ondas e grupos ao longo do século XX até chegar à tipologia a qual pertence a Igreja Universal do Reino de Deus, o neopentecostalismo. A diferença entre eles fica por conta do período histórico em que predominaram, das características teológicas que adotaram e os comportamentos mundanos que seguiam e propagavam (MARIANO, 1999). Utiliza-se, neste capítulo, a categorização de Freston (1994) e Mariano (1999) em três ondas ou gerações do pentecostalismo: o pentecostalismo clássico, o pentecostalismo da cura divina e o neopentecostalismo, este último de principal relevância para o presente trabalho.

No Brasil, o pentecostalismo clássico inicia em 1910 com a chegada de Luigi Francescon ao país, advindo da Igreja de Chicago, nos Estados Unidos. Um ano depois, juntaram-se a ele os missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, originários da mesma instituição religiosa estadunidense, responsáveis pela instauração da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil. À essa vertente, pertenciam as igrejas que dominaram o pentecostalismo brasileiro entre 1910 e 1950. O pentecostalismo clássico pregava o batismo no Espírito Santo, que deveria ser comprovado pela glossolalia<sup>12</sup> e a busca pelos dons miraculosos, enquanto rejeitava comportamentos mundanos como o consumo de entretenimento midiático, a vaidade com a aparência e participação na política (ALMEIDA, 2020). Entre as décadas de 40 e 50, cisões nas igrejas clássicas levam a criação de novas denominações, chamadas carismáticas ou renovadas, como a Igreja Presbiteriana Renovada e a Igreja Batista Nacional. Esses grupos são elencados por alguns

---

<sup>12</sup> A glossolalia religiosa é o nome pelo qual algumas denominações pentecostais e correntes religiosas como a Renovação Carismática Católica denominam a capacidade de reproduzir o fenômeno conhecido por dom de línguas, descrito no segundo capítulo dos Atos dos Apóstolos. Embora no referido livro o fenômeno seja explicado não como a fala de uma língua estrangeira pelos apóstolos, mas sim o fato de os estrangeiros presentes em Jerusalém entenderem em seu próprio idioma o que estes diziam: "porque cada um os ouvia falar na sua própria língua" (OLIVEIRA JUNIOR, 1997).

autores como uma geração à parte, dada a distância temporal entre elas, porém que mantêm as principais características teológicas e comportamentais do pentecostalismo clássico (ALMEIDA, 2020; FERREIRA, 2013).

O pentecostalismo da cura divina também tem como berço os Estados Unidos da América, dessa vez o estado da Califórnia, e chegou ao Brasil nos anos 1950 pelo trabalho missionário de Harold Williams e Raymond Boatright (MARIANO, 1999). Além de angariar novos fiéis pentecostais, essa vertente somou forças com dissidentes do pentecostalismo clássico para fundar denominações como a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Pentecostal Deus é Amor e a Igreja de Nova Vida, onde líderes como Edir Macedo e Romildo R. Soares<sup>13</sup> foram introduzidos ao meio (OLIVEIRA, 2019). Essa vertente é originada de uma maior adaptação das igrejas à cultura brasileira e ao meio urbano moderno. Além da ênfase na capacidade divina de exorcismo dos males e de prover a cura, que dá nome ao grupo, os religiosos da cura divina passaram a usar meios condenados pelos pentecostais clássicos como o rádio, teatros e cinemas para promover sua visão da fé e estreitar laços com a sociedade (FREESTON, 1993; TORRES, 2007).

Em um contraponto paradoxal à rejeição do envolvimento dos evangelizados com as dinâmicas da sociedade propagada pelo pentecostalismo clássico, são as próprias mudanças no ambiente econômico, social e político no Brasil da década de 1980 que abrem caminho para uma alteração contundente na forma de viver e enxergar o mundo para o pentecostal. A transição entre uma ditadura militar para uma democracia, a reestruturação monetária sob o Plano Cruzado, o aumento da liberdade de expressão e atuação da sociedade civil e, em especial para este trabalho, o aumento do poder aquisitivo e consolidação de um ideário neoliberal no Brasil foram catalisadores de uma readaptação do Pentecostalismo para uma nova realidade social (OLIVEIRA, 2019). Por fim, surgiria o terceiro movimento pentecostal no país, dono de um crescimento exponencial em menos de três décadas ao atender anseios mundanos de uma massa populacional mais ávida pela ascensão econômica e social nessa vida do que pela salvação divina nas vindouras.

O Neopentecostalismo redefine a visão das igrejas e dos pentecostais sobre a prosperidade, a vida na Terra e ao sobrenatural de forma a romper seu compromisso com o protestantismo (BITTENCOURT, 1989). A criação de denominações como a Igreja Internacional da Graça de Deus, da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra

---

<sup>13</sup> Fundadores da Igreja Universal do Reino de Deus.

e da Igreja Universal do Reino de Deus seguiram o mesmo processo de reprodução de práticas originadas nos Estados Unidos verificado nas ondas anteriores, dessa vez com a inserção no contexto brasileiro da Teoria da Prosperidade, que será revisitada a fundo no decorrer deste capítulo. Além dela, o neopentecostalismo preconiza uma guerra espiritual entre os fiéis e o Diabo, defende o direito a uma vida terrena de abundância financeira e remove quaisquer empecilhos de envolvimento dos líderes religiosos e fiéis na mídia, na política, no entretenimento e na política (MARIANO, 2004; OLIVEIRA, 2019).

As novas configurações teológicas da última geração permitem a evangelização de uma gama maior de classes sociais por meio de uma ampla variedade de ferramentas de propagação da palavra, como a televisão, as mídias impressas e a própria política nacional. A dedicação ao tema da prosperidade financeira e a permissividade de um sucesso terreno continuaram a atrair aqueles mais necessitados que almejavam a ascensão econômica, mas também tornou o neopentecostalismo amigável aos já afortunados de classe média e alta que desejavam recorrer a um poder extramundano para manter seus patrimônios e garantir a perenidade de seus negócios (MARIANO, 2004). Destacam-se, nesse último grupo, empresários, artistas, atletas e celebridades, que possuem alta relevância na sociedade e poder de influência maior do que o indivíduo médio, auxiliando na evangelização de um número cada vez maior de fiéis.

Para fins de síntese, a vertente neopentecostal do cristianismo evangélico é definida por Tec-López (2020) por dez elementos. Elencam-se: 1) Prosperidade econômica como objetivo; 2) Miatização da fé; 3) Fiéis de classe média e profissional; 4) industrialização da música gospel; 5) Expansão contínua da Igreja; 6) Organização eclesial hierárquica; 7) Guerra espiritual; 8) Cura divina; 9) Envolvimento na política e 10) abertura ao mundo. Em maior ou menor intensidade, todas as características estão presentes nas denominações neopentecostais, inclusive na IURD, a mais representativa da terceira onda e à qual dedica-se maior atenção neste trabalho.

### 3.1 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

A Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada em julho de 1977, no estado brasileiro do Rio de Janeiro, por Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares, ambos

dissidentes do Pentecostalismo da Cura Divina. A denominação assumiu ao longo das últimas décadas o papel de símbolo máximo do Neopentecostalismo brasileiro como principal igreja em número de fiéis, patrimônio financeiro e poder político. A IURD é constituída às vésperas da transição democrática e amadurece conjuntamente à democracia e ao neoliberalismo no Brasil da década de 1980 (MARIANO, 1999). Não obstante, a pregação destinada em especial aos desempregados e excluídos encontrou um grande número de desamparados durante a crise econômica e empregatícia da década de 1990, cujas necessidades humanas e terrenas eram compreendidas e atendidas pela igreja. Os cultos apresentavam a esses fiéis uma nova forma de entender sua relação com Deus, uma interação racional que visava o progresso e o desenvolvimento pessoal e profissional amparada pelo sagrado.

O crescimento vertiginoso da Universal pode ser medido por uma série de indicadores. O número de templos no Brasil, por exemplo, localizados não só nas periferias e bairros mais pobres, como costumeiro no Pentecostalismo, mas também em regiões centrais e subúrbios de alto padrão, saltou de 21 em 1980 para pouco mais de 2.000, em 1995, até chegar em 8.773, em 2020, de acordo com números divulgados pela própria igreja. A expansão internacional também é visível nesse indicador: em 1995, eram 236 templos da igreja no exterior em 65 países. Em 2020, eram 3.559 templos em 135 países (MARIANO, 1999; R7, 2020).

A maioria desses templos se encontra nas regiões sul e sudeste, nos grandes centros urbanos e regiões metropolitanas. Ao contrário do que se verifica em outras igrejas pentecostais, a IURD adota regiões centrais das cidades para estabelecer seus templos, geralmente estruturas impressionantes em tamanho, decoração e estética. Ciente de que a maior parte dos fiéis mora nas periferias e viaja diariamente ao trabalho para as regiões mais desenvolvidas das cidades, a Igreja Universal instiga seus fiéis a permanecerem nesses pólos para o culto, cria e fomenta uma ambição de ascender e pertencer cada vez mais ao meio social onde estão os templos. Ao contrário do escapismo e aceitação do cotidiano pacato que promovia o pentecostalismo clássico, o neopentecostalismo iurdiano desperta e provoca o sentimento de querer ser melhor e maior, uma inquietação típica na cultura corporativa e na ordem neoliberal (PENA; ZIENTARSKI, 2022; SANTOS, 2015).

Essa *holding*<sup>14</sup> é proprietária de gravadoras, gráficas e emissoras de rádio e TV, responsáveis não só pela geração de receita para a IURD, mas também por difundir em meios impressos e audiovisuais a palavra da igreja. Ao adquirir a Rede Record por 45 milhões de dólares em 1989, Edir Macedo passou a replicar os feitos dos televangelistas estadunidenses, reproduzindo em cadeia nacional os impactos positivos de Deus na saúde e na prosperidade dos fiéis (ALMEIDA, 2020). As sessões de descarrego, cura, exorcismo e depoimentos de fiéis “salvos” pela Igreja Universal passaram a ser transmitidas em ondas de rádio e TV para todo o Brasil, não com o intuito de entreter ou apaziguar o espectador, mas sim de convocá-lo para o templo mais próximo. Para Macedo, a função dos meios eletrônicos é servir como vitrines do sucesso e dos livramentos que podem ser alcançados pelo ouvinte desamparado caso ele compareça aos cultos presenciais (MACEDO, 1990).

O principal espaço de culto da Universal divulgado em suas programações na mídia é o Templo de Salomão (TdS), o maior e mais imponente templo da denominação, localizado em uma região de baixa renda do Brás, em São Paulo. Inaugurado em 2014, o TdS possui 100 mil m<sup>2</sup> de área total e comporta cerca de dez mil pessoas sentadas, o que o confere o posto de maior templo do cristianismo em toda a América Latina (CARVALHO, 2017). Além do tamanho, a construção esbanja luxo, com obras de arte, decorações em ouro, pisos de pedra israelense e réplicas de símbolos judaico-cristãos que chamam a atenção e despertam a curiosidade de todos que assistem as divulgações do local. A IURD mantém um canal por assinatura na Internet com conteúdo gravado integralmente no Templo, instigando o fiel que assiste a conhecê-lo e participar fisicamente dos cultos, onde ocorre com maior eficiência a doutrinação (CARVALHO, 2017).

Esse “evangelismo eletrônico” foi essencial como meio de crescimento e difusão da mensagem iurdiana pelo Brasil (OLIVEIRA, 2019). O uso das mídias mais modernas, rejeitadas pelos mais tradicionais pregadores do Pentecostalismo Clássico, possibilitou um ganho de escala incomparável aos das igrejas cujos pastores se mantiveram estanques nos espaços físicos para a evangelização de novos fiéis.

---

<sup>14</sup> Holding é uma sociedade gestora matriz de participações sociais, que exerce controle ou “segura” outras empresas. A expressão vem do verbo inglês “to hold” que, na tradução livre, significa segurar. Esse modelo de empresa é cada vez mais comum no Brasil e já existem no país uma grande variedade desse tipo de companhia (REIS, 2018).

O proselitismo em rádio e TV constitui o mais poderoso meio empregado pela Universal para atrair rapidamente grande número de indivíduos das mais diversas localidades geográficas à igreja. Por sua capacidade ímpar de introduzir a igreja, sua mensagem e seu apelo religioso nos lares, o evangelismo eletrônico apresenta a vantagem de poder alcançar aqueles que não possuem contato ou relação de confiança, amizade e parentesco com fiéis da denominação (MARIANO, 2004, p. 130).

A importância do uso das redes de comunicação pode ser comprovada pela estratégia de aquisições da Universal, muito baseada na compra de estações de rádio e canais de televisão. O primeiro passo para consolidação dessa tática foi a compra da Rede Record, em 1989, seguida pela compra da TV Jovem Pan e da TV Rio. Em 2018, já eram 23 as emissoras de sinal de televisão controladas pela IURD, o que coloca a rede de canais como a maior do Brasil em número de concessões (ARAÚJO, 2018). Nas frequências de AM e FM, a Universal iniciou sua história com a aquisição da Rádio Copacabana, em 1984, seguidas da Rádio São Paulo, em 1990, e Rádio FM Scala, em 1995 (MARIANO, 1999). A fundação da Rede Aleluia, em 1998, foi o alicerce da constituição de um gigante da comunicação brasileira, uma rede de rádios sem par no meio pentecostal cujo sinal atingia mais de 100 milhões de pessoas pelo Brasil (ALMEIDA, 2020).

O uso dessas empresas de comunicação tinha por objetivo arrecadar insumos para a Universal e viabilizar a transmissão das palavras de fé para os ouvintes e telespectadores, ou seja, tinham no crescimento da IURD sua razão de ser.

(...) sintonizadas com as necessidades e desejos de um público devidamente segmentado, formando assim seu próprio mercado, empregando para isso estratégias de marketing e de propaganda, que tomam corpo em uma retórica e teologia adaptáveis aos interesses de uma sociedade capitalista em processo de globalização (CAMPOS, 1999, p. 357)

Por meio da TV e do rádio, difundiu-se a justificativa da IURD para os males e infortúnios que assolavam aqueles que emprestavam sua atenção aos pastores: o Diabo, os demônios e espíritos malignos eram responsáveis por tudo de ruim que o mundo nos oferece, sendo a palavra de Deus e do Espírito Santo presentes nos templos da Igreja Universal o caminho para a felicidade, a cura e a prosperidade (OLIVEIRA, 2019). Faz parte desse discurso, como não se pode deixar de destacar, relacionar os agentes causadores do mal supracitados às entidades de religiões de matriz africana, como exus e preto-velhos (ALMEIDA, 2020). Esse embate ilustra

uma prática recorrente no ideário Neopentecostal da IURD, que oferece dualidades aos fiéis a todo o tempo e os convoca a tomarem um lado, Deus contra os demônios, o bem contra o mal.

Correlacionar os problemas dos fiéis aos demônios acaba por omitir as verdadeiras razões pelas quais a situação econômica e social em que se encontram é desagradável. As razões e causas da pobreza, do desemprego, das dívidas e das doenças são mascaradas e substituídas nos cultos por essas entidades malignas geradoras do mal. Para livrar-se delas, é imprescindível recorrer à Deus, ao exorcismo e às bênçãos concedidas pelos pastores (OLIVEIRA, 2019). Se por um lado o neopentecostalismo iurdiano prega pelo sucesso e pela riqueza mundana, por outro aliena o fiel quanto aos reais causadores da situação econômica e de classe social em que se encontram. Com um discurso que promove o individualismo, resta para a IURD angariar o maior número de pessoas dispostas a colaborar com dinheiro para que seu crescimento se desenrole. Com seus meios de comunicação, marketing, estratégias de mercado e uma organização hierárquica aos moldes das grandes corporações, a IURD se guia pelo mesmo objetivo que incita em seus fiéis: a acumulação de capital (FERIA; GARCÍA, 2021).

### 3.2 IURD E A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

A Teologia da Prosperidade tem origem nos Estados Unidos da América na década de 1960, promovendo a defesa do direito do cristão em ser próspero e vitorioso em sua vida na Terra. As influências desse postulado vêm de de uma série de pastores estadunidenses do *Health and Wealth Gospel*, como Kenneth Hagin e Oral Roberts, defensores de crenças muito semelhantes às que fundamentam a teologia da IURD: o exorcismo de maus espíritos para atingir a prosperidade, a cura divina por meio de ofertas financeiras e o sucesso material como prova mundana da ação divina na vida do fiel (CAMPOS, 1999). Esse movimento cresceu nos EUA por meio, especialmente, da presença maciça de pastores promotores da Teologia da Prosperidade na mídia, que pregavam e apresentavam testemunhos de cura e enriquecimento na televisão. Conhecidos como televangelistas, esses neopentecostais são os pioneiros da estratégia de massificação da fé posta em curso por Edir Macedo por meio de suas redes de rádio e da Rede Record.

Não há, no Neopentecostalismo da Igreja Universal, qualquer pudor em relacionar a fé e a religião com recompensas materiais e sucesso financeiro como consequência. A afinidade neopentecostal com questões econômicas intramundanas corteja a população da base da pirâmide social, cuja necessidade de recursos para o sustento próprio e de suas famílias é imediata, ao passo que angaria um número crescente de fiéis para a IURD. Para além disso, os próprios templos e pastores esbanjam luxo, acessórios e poder, constantemente instigando nos frequentadores dos cultos a ambição de alçar sua condição econômica aos patamares que a Igreja os apresenta. A Teologia da Prosperidade é a sistemática por trás dessa característica, responsável por conectar as exigências do neoliberalismo sobre a classe trabalhadora com o amparo da fé sobrenatural (ALMEIDA, 2020).

Destacam-se dois dados para ilustrar a realidade social do evangélico neopentecostal médio e que tornam nítido o crescimento exponencial da Igreja Universal nas últimas décadas. Primeiro, enquanto que a população católica no Brasil caía de 89,2% para 64,6% entre 2000 e 2010, o crescimento das Igrejas seguidoras da TP chegava a ser cinco vezes maior do que o crescimento da população brasileira no mesmo período (MARIANO, 1999; PENA; ZIENTARSKI, 2022). Segundo Mattos (2017), 63,7% dos pentecostais com mais de dez anos de idade ganham até um salário mínimo e somente 8,3% ganham mais do que três salários mínimos. Esses números permitem concluir que o fluxo de fiéis para congregações evangélicas pentecostais e neopentecostais parte, em larga escala, desde as igrejas católicas. Além disso, entende-se que as estratégias de comunicação e pregação dessas congregações têm tido muito sucesso em angariar membros das classes mais pobres da população. Em um meio de discrepância crescente de renda e patrimônio, é a classe mais explorada e desprovida de bens materiais que tende a recorrer ao socorro da religião (MARX, 1843).

Para distinguir neste grupo as denominações do pentecostalismo clássico das pertencentes ao neopentecostalismo, de maior crescimento na última década, Mariano (1999) elenca, entre outros fatores, a pregação enfática da Teologia da Prosperidade e a estrutura empresarial que essas organizações apresentam. Segundo ele, as igrejas neopentecostais:

Invertem a postura pentecostal tradicional de rejeição à busca da riqueza, ao livre gozo do dinheiro, do status social e dos prazeres deste “mundo”. Em seu lugar pregam a Teologia da Prosperidade, doutrina que, grosso modo, defende que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo (MARIANO, 1999, p. 44).

O argumento central pregado pela TP é o de que todos os cristãos que cumprem suas obrigações com Deus têm o direito de viver em abundância. Sua promessa é mundana e se baseia em um discurso muito similar do neoliberalismo, que destaca, de acordo com suas próprias lentes, valores como a individualidade, o mérito e a liberdade. Não há mal em querer viver bem nesta vida e neste mundo, por isso, entre doenças curadas e milagres empreendidos, o proselitismo iurdiano em rádio e TV recorrentemente apresenta testemunhos de fiéis que sanaram suas dívidas, arrumaram um novo emprego, adquiriram a casa própria ou se tornaram patrões. A vitória e o sucesso espirituais estão diretamente ligados à situação socioeconômica (PENA; ZIENTARSKI, 2022).

Não obstante, as explicações da Teologia da Prosperidade para fenômenos da sociedade caminham em paralelo com aquelas oferecidas pelo modelo neoliberal. O sucesso terreno para a IURD depende do esforço individual, do compromisso com Deus e com a Igreja e na fé inabalável em Jesus, enquanto que a pobreza e o desamparo são consequências da falta de religiosidade. Essa condição estabelece uma dicotomia de “os bons contra os maus”, uma vez que a miséria, a indigência e a mendicância são fenômenos consequentes da falta de preparo e dedicação para receber as riquezas oferecidas por Deus aos crentes verdadeiros (ORO, 1992). Dessa forma, o fiel responde aos menos favorecidos não com solidariedade, mas com aceitação, já que só deles depende uma melhor condição de vida. Da mesma forma, por mais delicada que seja sua situação financeira, o fiel que se compara com o miserável chega a conclusão de que está do lado dos bons, afinal, se encontra em um momento melhor e está firme na caminhada estabelecida pelo proselitismo iurdiano para a prosperidade (OLIVEIRA, 2019). Reforçam-se, doravante, o individualismo e a competição muito caros ao sistema neoliberal, enquanto que a solidariedade e o coletivismo deixam de ser valores chave da religião.

Para a IURD, a Teologia da Prosperidade tem a função de justificar para os fiéis a importância do dízimo e das doações aos templos, é a ferramenta de convencimento para gerar cada vez mais receita para a instituição. A contribuição à

Igreja assume o papel de moeda de troca entre o religioso, que busca melhorar sua vida, e seu Deus, responsável por conceder tudo aquilo que o fiel quer (RODRIGUES, 2011). Nas palavras do líder Edir Macedo:

Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, reprimindo os espíritos devoradores que desgraçam a vida do ser humano e atuam nas doenças, vícios, degradação social e em todos os setores da atividade humana que fazem sofrer (MACEDO, 2005, p. 64).

O dízimo na TP é, em realidade, o mínimo que o fiel deve pagar, uma vez que corresponde à justa devolução de 10% de tudo aquilo que Deus o concedeu (MARIANO, 1999). Para pedidos e intervenções divinas pontuais são necessárias ofertas adicionais, que devem ser maiores do que a contribuição usual e que garantem uma chance de sucesso do pedido tão grande quanto for o valor ofertado. Nas palavras de Edir Macedo, “a oferta é investimento” (TAVOLARO; LEMOS, 2007, p. 207). Em seu site institucional, a IURD define os dízimos e ofertas como:

A Universal também crê que os dízimos e as ofertas são tão sagrados quanto a Palavra de Deus. Os dízimos significam fidelidade, e as ofertas, o amor do servo para com o seu Senhor. Todos os que servem a Deus têm o direito a uma vida abundante (UNIVERSAL, 2022).

Compreende-se, portanto, que o pagamento do dízimo e de ofertas em dinheiro para a Igreja é tão importante para o fiel iurdiano quanto a própria Bíblia e seus ensinamentos. Essa conclusão é um dos pilares da TP na IURD: uma vez que a doação é fundamental para que o bom cristão se prove, somente exercendo-a é possível comprovar a fé e melhorar de vida (OLIVEIRA, 2019). A interpretação neoliberal meritocrática do mundo, onde aqueles que se esforçam, que empreendem e que fazem por merecer é replicada pelo neopentecostalismo, com o adendo final da colaboração financeira a Deus. Assim define Oliveira a lente da TP sobre a sociedade:

(...) a Teologia da Prosperidade é um caso claro de uma interpretação ideológica das relações sociais. Ela defende que as ideias, a força de vontade, a confiança e, principalmente, o sacrifício monetário oferecido no altar são responsáveis diretos pela ascensão social dos indivíduos. Para os defensores dessas doutrinas, as condições de vida dos seres humanos não dependem de qualquer causa social, econômica, biológica ou histórica, mas o quanto as pessoas estão comprometidas em acreditar que podem ter uma vida plena, saudável e feliz ao abrirem mão de seus recursos financeiros,

mesmo que para isso tenham que vender seus bens, por menores que sejam (ALMEIDA, 2020, p. 128).

É no conceito de “mercantilização da salvação” onde reside uma das contribuições das igrejas neopentecostais como a IURD para o capitalismo neoliberal (FERIA; GARCÍA, 2021). Uma vez que não cabe a Deus decidir quem é patrão e quem é proletário, mas somente recompensar aqueles que se sacrificam material e fisicamente, a religião reforça no imaginário dos seus seguidores a ideia de que todos são capazes de empreender e ascender. Neste cenário, a responsabilidade de superar o desamparo e a instabilidade recaem tão somente sobre o indivíduo, não ao sistema. Nesse panorama, todos estão aptos a enriquecer, basta acreditar em si e empreender; dados os riscos inerentes ao empreendedorismo, espera-se que os fiéis paguem o dízimo devido e façam sacrifícios monetários adicionais, a fim de garantir a bênção divina sobre seus negócios e espantar dele espíritos malignos e o diabo. Fecha-se, assim, o ciclo virtuoso (ou vicioso) entre o espírito neoliberal e a ética neopentecostal iurdiana.

A corporação e a instituição religiosa de Edir Macedo já são indissociáveis. Ao passo que a primeira usa recursos para construir novos templos, comprar novos meios de comunicação e expandir o número de fiéis da Universal, a segunda é responsável por captar recursos por meio do dízimo e por entregar à primeira um público ávido pelo conteúdo gospel. A mesma mentalidade empreendedora dos negócios de Macedo, inclusive, é difundida nos cultos e na administração dos templos, visto que a escassez de postos de trabalho dignos no sistema neoliberal obriga as classes mais pobres a converterem-se em microempreendedores e competirem entre si como se fossem indústrias:

A Igreja Universal do Reino de Deus, em seus serviços religiosos diários, prega que a salvação, sob a forma de prosperidade, chegará no mundo para todo aquele que aceitar Jesus. Mais do que em outras igrejas pregadoras da Teologia da Prosperidade, a IURD imprime um tom pedagógico aos seus cultos. Nesta igreja os fiéis pedem a vitória, cantam por ela, gritam por ela, pagam o dízimo por ela e aprendem sobre como alcançá-la com o clero, que lê e comenta toda semana casos simples de sucesso em marketing (LIMA, 2010, p. 367).

As informações expostas até aqui são fundamentais para entendermos o encadeamento simbiótico entre dois fenômenos históricos e universais: a religião e o sistema econômico. Compreender essa relação que se retroalimenta é fundamental

para entender a hipótese proposta neste trabalho de que a atuação da IURD se enquadra e auxilia na reprodução dos pressupostos do neoliberalismo a partir da TP. No entanto, há que se questionar, para além da massificação midiática que a igreja realiza, como a instituição conseguiu angariar fiéis tão rapidamente, a ponto de poder realizar uma internacionalização para 96 países e em todos os continentes (REBELO, 2022).

#### 4 TRANSNACIONALIZAÇÃO DO ESPÍRITO NEOLIBERAL IURDIANO

A atuação e o crescimento da IURD iniciaram, no Brasil, no meio social mais pobre e, interessante, a expansão internacional da organização começou pelos países subdesenvolvidos. A expansão da Universal para países do sul global<sup>15</sup> é o foco deste capítulo. Uma abordagem que explica o motivo deste padrão é realizada por Cecília Loreto Mariz, em seu estudo sobre a “relação da pobreza com as organizações religiosas”. A autora argumenta que a importância da afiliação religiosa nas lutas cotidianas de enfrentamento e superação da pobreza refletiu sobre a “influência da cultura religiosa na solução da pobreza” (MARIZ, 1989, p. 07). Neste contexto, pode-se realizar um paralelo com o que Marx escreveu em “Para a Crítica da Economia Política” (1859), onde explicita que o modo de produção da vida material condiciona o processo geral da vida social, política e espiritual. Percebendo as igrejas protestantes pentecostais, enquanto representantes de uma categoria de racionalização religiosa difundida entre os pobres brasileiros, um dos argumentos principais levantados por Mariz é que “a religião não é uma forma apenas de escapar simbolicamente da pobreza, mas, também, um instrumento real de apoio na luta cotidiana pela sobrevivência” (MARIZ, 1989, p. 11).

Baseando-se em Max Weber, Mariz pressupõe a existência de “afinidade entre crenças religiosas e necessidades materiais na vida concreta das populações que adotam essas crenças” (MARIZ, 1989, p. 12). Segundo a autora, “a popularidade de cada religião, no Brasil depende não apenas da afinidade de seus pressupostos cognitivos com a matriz cultural e a experiência psicológica da população, mas, também, do apoio e da adequação dos instrumentos que oferece a essa mesma população na sua luta cotidiana pela sobrevivência” (MARIZ, 1989, p. 16). Sua hipótese principal é de que “o crescimento, tanto do pentecostalismo quanto do neopentecostalismo na América Latina, pode ser melhor compreendido pela forma como tem motivado a luta contra a pobreza” (MARIZ, 1989, p. 16).

Paralelamente, uma característica que pode ser notada pela exposição realizada até aqui é que o panorama religioso brasileiro é majoritariamente oriundo de movimentos religiosos internacionais. No caso apresentado do protestantismo e

---

<sup>15</sup> Sul Global é um termo frequentemente usado para identificar regiões da América Latina, Ásia, África e Oceania. Faz parte de uma família de termos, incluindo "Terceiro Mundo" e "Periferia", que denotam regiões fora da Europa e da América do Norte, a maioria desses países são de baixa renda e muitas vezes política ou culturalmente marginalizados (HOLLINGTON, 2016).

sua vertente pentecostal, ambas são oriundas do hemisfério norte. A mais recente geração do pentecostalismo no Brasil, o neopentecostalismo tem sido protagonista na geração de impactos religiosos, sociais, econômicos e políticos desde o início do século XX, tendo a Igreja Universal do Reino de Deus como principal exportadora do movimento religioso.

Para analisar a internacionalização da IURD como organização que auxilia na consolidação do sistema neoliberal, aborda-se a teoria de Wallerstein sobre sistema-mundo, sendo esse o assunto da primeira subseção deste capítulo. Com as bases teóricas postas, a segunda parte do capítulo aborda, sob esta perspectiva, a internacionalização da Universal e sua afinidade com o sistema neoliberal.

#### 4.1 A UNIVERSAL DO REINO DE DEUS NO SISTEMA-MUNDO

A teoria marxista das Relações Internacionais em seu desenvolvimento, recebeu uma contribuição valiosa na obra de Immanuel Wallerstein: a teoria do sistema-mundo desenvolvida em cima da preocupação com o desenvolvimento desigual que caracteriza o capitalismo global e as estruturas de dominação decorrentes dele (NOGUEIRA; MESSARI, 2005). Wallerstein (1974) trata o sistema internacional como uma única estrutura integrada, econômica e politicamente, sob a lógica da acumulação capitalista. Este sistema-mundo, regido por leis dinâmicas, é o que leva à exploração das economias pobres pelas economias centrais.

Em razão deste sentido de movimento, os espaços diferenciam-se ao longo do tempo em três categorias: os centros de poder econômico, as periferias, e as semi-periferias, as quais se estabelecem em uma posição intermediária entre as duas anteriores. Enquanto as regiões centrais apresentam atividades econômicas mais intensivas em capital e tecnologia, as periféricas acabam por se especializar na produção e na exportação de produtos básicos. A semi-periferia atinge determinado grau de industrialização e estabelece uma relação de dependência sobre a periferia, da qual importa insumos básicos. Porém, tanto a tecnologia como o capital permanecem dependentes do centro. Alguns países da América Latina, que haviam passado por um significativo processo de industrialização, como o Brasil e o México, já eram enquadrados como semiperiféricos na década de 70, quando a teoria foi proposta (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

Nesta pesquisa, a teoria Wallersteiniana se encaixa com a hipótese proposta, visto que a ação da Universal, uma organização de origem semi-periférica, ao mesmo tempo que aproveita das instabilidades das economias menos desenvolvidas, também, em sua pregação, contribui para a perpetuação deste desequilíbrio. Importante notar que as origens das teologias neopentecostais seguidas pela IURD são norte-americanas, ou seja, elas vem do centro. Uma vez que a atuação da Igreja Universal, em nenhum momento, busca interpretar, tampouco questionar a raiz causadora da desigualdade social e, ao contrário, incute em seus fiéis a lógica meritocrática de crescimento econômico, a organização corrobora, fielmente, com a perpetuação do sistema econômico neoliberal.

O cerne do sistema-mundo está na reprodução das classes sociais nos Estados capitalistas. Um exemplo disso pode ser encontrado na lógica de produção industrial: minérios são extraídos em periferias, transformados em carcaças e processadores de computadores, respectivamente, em semiperiferias e países centrais, sendo os últimos os responsáveis pela venda do produto final, com maior valor agregado. Pode-se notar aqui a importância desta estratificação para a manutenção dos lucros mais expressivos nos países centrais, isto é, a desigualdade é necessária. Desta forma, explica-se um ponto levantado na segunda subseção do primeiro capítulo deste trabalho: este é o motivo pelo qual as grandes economias incentivaram, no pós-Guerra Fria, a execução estrita de receita de desenvolvimento econômico por meio da abertura de capital, mas não a executam.

Entendidos os fatores econômicos, há que se importar os fatores religiosos. Para isso, antes de partir para outra abordagem teórica neomarxista, é preciso apresentar o princípio metodológico que embasa a perspectiva de Wallerstein: o princípio da totalidade. Neste, o concreto deve ser compreendido como uma unidade de suas múltiplas determinações, que devem ser compreendidas de forma interligada e em constante transformação. Para isto, Wallerstein estabelece quatro princípios derivados do princípio da totalidade que são necessários para a análise do sistema mundo: globalidade, historicidade, unidisciplinaridade e holismo (WALLERSTEIN, 1974).

O primeiro princípio, da globalidade, infere que a unidade básica de análise é o sistema global e não uma sociedade ou nação específica, com a compreensão de que há um todo que apresenta uma dinâmica própria, dotado de partes que são, ao mesmo tempo, constituintes e constituídas por esse todo. O segundo princípio, da

historicidade, implica que a história deve ser vista como um processo sistêmico, não podendo ser compreendida apenas como a história das partes, mas como a história do sistema em geral. O terceiro princípio, da unidisciplinaridade, refere-se ao processo social não apenas como um processo econômico, político ou histórico, mas está envolvido nessas múltiplas dimensões. O holismo, último princípio estabelecido por Wallerstein, deriva logicamente dos anteriores e estabelece que a análise sociológica deve ser compreendida em suas múltiplas dimensões. Ao mesmo tempo em que o todo apresenta sua própria lógica, as partes constitutivas do todo também apresentam dinâmica própria, porém sempre restritas à estrutura em que se inserem (WALLERSTEIN, 2000).

Encaixando os objetos de estudo na teoria wallersteiniana, pode-se perceber que a relação com o primeiro princípio, da globalidade, se dá pela análise de dois fenômenos globais, materializados na fé e no dinheiro, que perpassam fronteiras geográficas e períodos temporais ao moldarem entendimentos e comportamentos sociais. Por isso, também, a pesquisa está alinhada ao segundo princípio, o da historicidade, uma vez que se analisam os fenômenos como partes inseridas em um contexto global. O terceiro princípio, então, pode ser percebido na percepção da sociedade ocidental que engloba duas dimensões estruturais, o que também condiz com o quarto princípio, do holismo.

A definição do sistema-mundo de Wallerstein é uma unidade em que há uma única divisão do trabalho e múltiplos sistemas culturais. No setor cultural, está inserida a religião. Porém, para esta análise, a pesquisa se apoia no entendimento do teórico marxista Antonio Gramsci (1891-1937). O autor definiu o conceito de hegemonia para descrever o tipo de dominação ideológica de uma classe social sobre outra, particularmente da burguesia sobre o proletariado e outras classes de trabalhadores. Na visão gramsciana, para uma classe ser dominante, precisa ser também dirigente, isto é, deve articular em torno de si um bloco de alianças e obter pelo menos o consenso passivo das classes dirigidas.

A grande influência que teve a obra de Gramsci sobre a ciência política no século XX não deixou de se estender a uma de suas derivações, a teoria das relações internacionais. O grande pensador italiano estava interessado em compreender as forças que produziam a estabilidade das relações de poder nas sociedades politicamente organizadas, isto é, dotadas de um Estado (ESTRELLA FARIA, 2013). A relevância das reflexões de gramscianas sobre a questão religiosa,

neste trabalho, fornecem um conjunto de noções teóricas que auxiliam o estudo da relação de influência entre a religiosidade e a economia, visando atentar para a construção hegemônica do neoliberalismo.

Na concepção marxista da história, então, não permite desconectar a produção material desenvolvida pela humanidade das formas de consciências que constituem a sociedade. Essa é uma crítica extremamente valiosa para penetrar no pensamento de Gramsci. Quando se considera a religião como uma expressão real da validação cristã. Entre os vários pensadores influenciados pela teoria marxista, Gramsci foi o mais aplicado no estudo do fenômeno religioso, sobretudo do cristianismo. Essa abordagem está presente em seus textos reunidos nos “Cadernos do Cárcere”<sup>16</sup> (1999). Ao descrever e analisar os acontecimentos históricos de sua época, Gramsci teoriza o conceito de hegemonia. Para o autor, a hegemonia estaria na capacidade de unir diferentes ideologias dentro de um bloco histórico, ao mesmo tempo que o mantém caracterizado por contradições de classe. Assim, através da ação política, ideológica e cultural, o grupo hegemônico consegue manter articulado um grupo de forças heterogêneas traduzindo-se não apenas sobre estrutura econômica e sobre organização política da sociedade, mas também sobre a forma de pensar, isto é, uma reforma intelectual e moral (ANDRADE; NEVES, 2020).

Gramsci, em Cadernos do Cárcere (1999), apresenta duas funções da hegemonia que importam para a análise deste trabalho:

(...) “funções hegemônicas se encontram em cada nível da vida política, nacional e internacional”, referindo-se seja à “reconstrução histórica do passado”, seja à “análise do presente” ou, ainda, à “prospecção da ação futura” e podem, igualmente, estar vinculadas a uma “entidade geográfica ou territorial no interior de uma nação (relação cidade-campo, Norte-Sul etc.)”, a uma “classe” ou “grupo social fundamental” sobre as “camadas subordinadas” e, no interior de cada um desses grupos e classes, a suas frações e, principalmente, “partidos” (...), que passam a exercer a hegemonia sobre as demais unidades de seu próprio agrupamento; (...) a hegemonia se exercita mediante “aparelhos”, privados e/ou públicos, do Estado compreendido de forma ampliada e da sociedade civil (p. 123).

Com isso, entende-se a Universal como um grupo social fundamental que exerce, ao pregar a Teologia da Prosperidade, influência sobre as camadas subordinadas (ou seja, países periféricos). Caracterizando-se como um aparelho

---

<sup>16</sup> Os Cadernos do Cárcere (Quaderni del carcere, em italiano), foram originados em uma série de anotações fragmentadas, posteriormente reunidas em um conjunto de 29 cadernos escritos por Gramsci no período em que foi prisioneiro na Itália, entre 1926 e 1937 (ANDRADE; NEVES, 2020).

privado do Estado, que intencionalmente, ou não, contribui para a dissipação dos ideais neoliberais e a desigualdade social, processos que muito interessam ao centro do sistema-mundo (economias centrais).

Gramsci foi definido como o “Weber do marxismo” (BOCOCK, 1986, p. 88). Contra o determinismo econômico – mas sem desconsiderar a importância dos fatores estruturais e econômicos e enfatizar a multicausalidade – tanto Gramsci quanto Weber destacam a ideologia, a cultura e a religião como forças decisivas na história e no comportamento humano. Para ambos, a religião e a concepção moral do mundo desempenharam um papel histórico relevante. Gramsci segue Weber e se refere explicitamente a *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, destacando como a noção de predestinação de Calvino impulsionou o desenvolvimento do capitalismo. Entretanto, Gramsci sustenta, ao contrário de Weber, que as ideias religiosas funcionam como elementos constitutivos da luta entre grupos dominantes e subalternos.

Estão dadas, finalmente, as bases teóricas que direcionam a análise da internacionalização iurdiana. Considerando a teoria de sistema-mundo e a noção de hegemonia cultural, apresenta-se, na última subseção deste trabalho, o processo de expansão internacional da IURD, encarada como uma organização empresarial privada, que se aproveita e age à serviço do sistema neoliberal.

#### 4.2 INTERNACIONALIZAÇÃO DA IURD: ESTUDOS DE CASO

A Igreja Universal do Reino de Deus opera similarmente a uma corporação de fins lucrativos, como vimos anteriormente, seguindo uma estrutura hierarquizada e com metas de expansão e crescimento. Desta forma, pode-se usar alguns conceitos abordados pela teoria de internacionalização de empresas do modelo da Escola de Uppsala, na Suécia, para compreender os passos tomados pela IURD em sua transnacionalização. Segundo esse postulado, as organizações que buscam extrapolar as fronteiras nacionais devem focar, primeiramente, em duas categorias de países: os geograficamente mais próximos e os mais culturalmente semelhantes ao país de atuação original. Assim, é possível racionalizar o início e consolidação da presença internacional da IURD, que se configurou prioritariamente na América do Sul, na África, em especial nos membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), e em Portugal.

Cronologicamente, entretanto, o primeiro templo iurdiano aberto fora do Brasil foi nos Estados Unidos, Nova Iorque, no ano de 1980. À época, o fundador da Universal, bispo Edir Macedo, tinha residência fixa no estado, para onde direcionava boa parte da fortuna angariada na periferia capitalista, e acreditava que ali, um centro cultural e econômico mundial, seria o local perfeito para iniciar a evangelização iurdiana pelo planeta. Todavia, a adesão à religião neopentecostal de cultura, idioma e valores um tanto estranhos ao povo estadunidense foi pequena. Somente no final da década houve um redirecionamento das estratégias de expansão, sem abrir mão dos EUA, atualmente um dos países com maior número de templos da Universal pelo mundo, mas tendo como prioridade países com maior proximidade espacial e cultural com o Brasil (SANTOS, 2014).

Em 1990, a Universal chega à Argentina com o lema “*Pare de sufrir*” e a mensagem que até hoje estampa as fachadas de seus templos pela América Latina: *Jesucristo es el Señor*. O empreendimento na Argentina é um caso de êxito para a IURD, uma vez que conta com 281 templos no país, com presença em todas as províncias e em mais de 200 cidades. Assim como evidenciado no Brasil, o crescimento da Universal no território argentino está diretamente ligado à presença na mídia. Em 2020, a “*Iglesia Universal*” era proprietária de duas estações de rádio, rebatizadas sob o nome *Red Aleluya*, com seu sinal sendo repetido por mais de 25 retransmissoras. Na TV, pastores argentinos e brasileiros ocupam as noites e madrugadas de canais pagos e abertos, onde a Universal aluga horários para transmitir seus programas *Pare de Sufrir* e *La Hora del Milagro*. Ainda, a produção brasileira “Jesus”, da Rede Record, é retransmitida no país pelo canal *Telefe* e lidera os rankings nacionais de audiência quando está no ar (PATRICK; CRUCIANELLI, 2020).

Ao longo da década de 1990, a Universal expandiu-se para Colômbia (1990), Chile (1992), Venezuela (1992), Uruguai (1994), Honduras (1994), República Dominicana (1995), Equador (1995), Paraguai (1995), Peru (1995), Nicarágua (1995), Guatemala (1995), El Salvador (1996), Panamá (1996), Costa Rica (1996) e Bolívia (1996), primeiro alugando teatros ou cinemas para realizar seus cultos e posteriormente erigindo templos próprios (IGLESIA UNIVERSAL BOLIVIA, 2017). Embora o tamanho da Universal na Argentina seja sem igual nos demais países latinoamericanos, a presença da Igreja é significativa em capilaridade territorial e influência cultural. Em 2015, 25 anos depois do início da transnacionalização em

direção à América, a IURD contava com 1.423 templos em 36 países diferentes do continente americano (ORO; TADVALD, 2019). Não obstante, sua televangelização por meio do *Pare de Sofrir* atinge mais de uma dezena de países de língua espanhola, tanto por meio da TV quanto por serviços de *streaming*.

A expansão da Universal para a África em 1992, outra periferia capitalista, tem como carros-chefe Angola e Moçambique, membros da CPLP, e a África do Sul (GRAGNANI, 2021). Nos dois primeiros países, a forte presença da Igreja se dá muito pela similaridade cultural e idiomática, num fenômeno religioso que é comparável a uma série de outras influências brasileiras sobre a África lusófona, como na música, na televisão e no futebol. Todavia, o sucesso do empreendimento iurdiano na África do Sul, iniciado em 1993, é fruto de uma adaptação ao ambiente sociopolítico do país, em vias de libertar-se do *Apartheid* (ORO, 2004). O encerramento burocrático dessa política não significou a melhora social e econômica da população negra, espaço explorado pela Teologia da Prosperidade da IURD, que conta com cerca de 300 templos no país (UNIVERSAL CHURCH OF THE KINGDOM OF GOD, 2017). Para Corten (2003),

(...) a Igreja Universal é capaz de oferecer às populações frustradas a melhora tão esperada das condições de vida, um canal fantasmagórico de espera. O espírito de desafio e de risco, ensinado pela Universal, reforça a confiança em si mesmo (...). A IURD encontra nessa ideologia do Renascimento africano e no papel que a África do Sul se atribuiu uma concepção homóloga à sua concepção de universalidade. Esta homologia (...) se repete, na fase atual, de forma bastante simétrica, frente ao neoliberalismo (CORTEN, 2003, p. 143-144).

Em Angola e Moçambique, Edir Macedo adquiriu canais de TV e os incorporou ao grupo Record. A TV Record Angola e a TV Miramar, parte do grupo de Macedo, são líderes de audiência em seus países e são força considerável da máquina de expansão da Universal (GRAGNANI, 2021). O forte crescimento no país angolano, todavia, encontrou fortes entraves nos últimos anos, tanto pela transição política gerada pela saída do ex-presidente José Eduardo dos Santos, que governava o país desde 1979, quanto por turbulências internas na estrutura da Universal no país. No final de 2019, um grupo de cerca de 300 bispos e pastores dissidentes na Universal de Angola acusou a direção brasileira da Igreja de uma série de crimes, como lavagem de dinheiro e evasão de divisas. Desde então, a parte brasileira liderada por Edir Macedo vê-se em um embate com a parte local,

que reivindica um movimento de Reforma e a posse dos templos e bens da Universal no país (RIBEIRO, 2020; NASCIMENTO, 2022).

No continente europeu, a Universal chega em 1989, em Lisboa, onde não encontrou nenhum empecilho linguístico, uma população majoritariamente católica, como no Brasil, e uma economia incipiente no sistema neoliberal, tal qual a brasileira (ORO, 2004). Embora hoje conte com mais de uma centena de templos no país, a instalação da Universal em solo português sempre foi conturbada, tanto por movimentos xenofóbicos que a viam como seita maléfica ao povo local quanto por denúncias de infrações financeiras. Em 1995, a tentativa de adquirir o Coliseu do Porto, importante simbólica e culturalmente para a cidade, foi rechaçada pela mídia e população locais. De todo modo, nos anos subsequentes, a Universal lançou mão das “teorias persecutórias” com o mesmo sucesso que costuma fazer, colocando-se como o “bem” perseguido pelas “forças malignas”. Esse sentimento de luta aliado a uma competição entre as igrejas da IURD, como destaca Mafra (2001), foi fundamental para a manutenção do crescimento da instituição em Portugal:

(...) competem em termos da festa de aniversário da igreja mais luxuosa, da localidade que conseguiu trazer o homem de Deus de maior prestígio para a sua celebração local, do número de batizados do último mês, da quantidade de material arrecadado na última campanha (MAFRA, 2001, p. 4).

Tal qual em Portugal, a presença da Igreja Universal nos Estados Unidos desafia, em primeiro momento, a lógica de expansão de um fenômeno semi-periférico sobre um periférico. De acordo com o site oficial, são 360 endereços da IURD em solo estadunidense, um número bastante expressivo dado o insucesso do primeiro empreendimento naquela região, ainda na década de 1980. Em ambas nações, todavia, o foco da Universal está em atingir populações marginalizadas social e economicamente: imigrantes lusófonos da África e do Brasil em Portugal e imigrantes hispânicos nos EUA. Em sua análise da expansão iurdiana nos EUA, Eric Kramer (2003) identifica três fases de crescimento entre a década de 1980 e a virada do milênio. Fica claro que com o passar dos anos a Universal direcionou seu foco de abertura de novos templos aos estados com maior incidência de população hispânica, como Flórida, Califórnia, Arizona e Texas. Em paralelo, os encontros são conduzidos em língua espanhola, os programas de rádio, TV e folhetins chamam-se *Pare de Sufrir* e o nome dos cultos são em espanhol (KRAMER, 2003).

A Igreja Universal do Reino de Deus demonstrou competência em aproveitar similaridades culturais e socioeconômicas que encontrou ao sair do Brasil. Todavia, é imprescindível ressaltar a capacidade de cada projeto de expansão em adaptar-se ao público local para angariar fiéis, tal qual uma empresa faz quando necessita conquistar um novo mercado consumidor. A resiliência e capacidade de aprendizado da Universal em seu processo de internacionalização possibilitaram a permanência por mais de três décadas em países pobres na periferia capitalista, mas também conduziram a Igreja ao centro do sistema, aproveitando-se da demanda por auxílio que imigrantes e demais minorias encontram nessas regiões.

## 5 CONCLUSÃO

Pela análise da atuação da Igreja Universal do Reino de Deus, esta monografia busca analisar a relação de influência entre a religião neopentecostal e o sistema econômico capitalista neoliberal. Ao mesclar dois processos históricos globais, a IURD torna-se um ator relevante na constituição de suas visões sobre a fé e sobre a economia. Sob a perspectiva marxista de Relações Internacionais, foram analisados os impactos desta relação para o Sistema Internacional. Dessa forma, a pergunta que orientou a realização desta pesquisa foi: a atuação da Igreja Universal do Reino de Deus contribui para a consolidação e expansão internacional do sistema capitalista neoliberal? Para responder esta indagação, formulou-se a hipótese de que a organização não governamental Igreja Universal do Reino de Deus, além de servir como instrumento de religiosidade, age como uma instituição defensora e perpetuadora do neoliberalismo.

A fim de se realizar a prova desta suposição, compôs-se o objetivo geral do estudo, sendo ele identificar os mecanismos utilizados pela IURD para a defesa e expansão do capitalismo para a periferia mundial. Há suficientes evidências em processos históricos que permitem visualizar as ferramentas de controle criadas pelo materialismo, que buscam produzir um homem que é, teoricamente livre em suas escolhas, mas que deve seguir o funcionamento criado pelo capitalismo. Em vistas disso, na realização deste trabalho, foram utilizados aportes teóricos-metodológicos da Sociologia, da Economia e das Relações Internacionais. Além disso, para os objetos de estudo, utilizou-se análise descritiva dos fatos e acontecimentos relevantes para o entendimento da relação apresentada nesta pesquisa. A fim de validar os objetivos específicos elaborados para esta pesquisa, a saber, (i) verificar, sob a ótica weberiana, a relação simbiótica entre religião e sistema econômico; (ii) apresentar a IURD e seus mecanismos de atuação alinhados ao neoliberalismo; e (iii) analisar, na internacionalização da IURD para a periferia do sistema-mundo, mecanismos consolidadores do sistema capitalista, dividiu-se a monografia em três capítulos.

No intuito de contemplar o primeiro objetivo específico de analisar a relação interdependente entre os objetos de pesquisa, religião e economia, amparou-se, na primeira seção do primeiro capítulo, na análise de Max Weber, por meio da qual pode-se entender que o protestantismo, por meio de sua doutrina, incentivou

comportamentos nos homens e, conseqüentemente, nos países, alinhados com as necessidades da formação capitalista. Por meio da ética protestante, então, forneceu as bases para a ética capitalista do início da modernidade. Assim, uma das relações de influência está posta, a influência da religião sobre o sistema capitalista. No entanto, para se chegar ao objetivo, há que se comprovar o inverso. Felizmente, ainda é Max Weber que proporciona as bases do que se busca no primeiro capítulo.

Em seu último ano de vida, Weber expõe que o capitalismo estabelece-se de tal forma a ponto de levar a burocracia do sistema a engaiolar as ações humanas. Assim, a sociedade encontra-se condicionada a viver presa em uma ordem, uma vez que existe um aparato de dominação racional burocrático caracterizado nas leis e nas práticas sociais capitalistas. Nota-se, assim, que desde seu nascimento, o capitalismo define os aspectos dos processos históricos, busca-se, então, identificar a influência de uma nova fase capitalista em uma das religiões derivada do protestantismo. Sendo assim, na segunda parte do primeiro capítulo, seguir analisando a relação de influência entre os objetos de estudo, mas em suas “versões” contemporâneas: neoliberalismo e pentecostalismo.

Pode-se notar que as contradições do próprio sistema capitalista desencadeiam uma crise econômica, que faz com que o sistema se reinvente, ao passo que os processos sociais também se reformulam. No caso brasileiro, o neoliberalismo faz com que os trabalhadores sejam coagidos pelo desemprego, sendo submetidos a encarar jornadas de trabalho mais longas e com menor remuneração. Neste cenário, a atuação das igrejas pentecostais no Brasil oferece alento, seja na promessa de salvação, seja no incentivo à ascensão social individual.

O segundo capítulo restringe ainda mais a análise do fenômeno e apresenta a Igreja Universal do Reino de Deus e sua atuação alinhadas ao neoliberalismo, à luz de sua própria interpretação da TP. Percebe-se que por meio de sua pregação, a Universal conquista fiéis dispostos a doar seu tempo e dinheiro para a Igreja, por estabelecer que a confiança só é verdadeira se nunca houver dúvidas na fé, explorando a noção de que duvidar da Igreja seria o mesmo que duvidar de Cristo. Isto garante à IURD um fluxo constante de receita advinda dos dízimos e das ofertas. Importante notar que esse convencimento é realizado por meio de um discurso desenhado sobre as dores e dificuldades dos membros socialmente marginalizados pelo sistema capitalista.

Finalmente, para o terceiro objetivo, o de identificar a internacionalização da Igreja Universal como consolidadora do sistema capitalista em uma lógica wallersteiniana, duas subseções foram necessárias. Na primeira, foram apresentadas a teoria de sistema-mundo para justificar a lógica de expansão econômica e a visão gramsciana para basear o entendimento da expansão cultural. A ideia que norteia ambas é a de que as forças centrais do sistema capitalista perpetuam a divisão de classes, por gerarem uma fórmula, neste caso, religiosa e econômica, para manter desigualdades e hegemonias. Baseado nas leituras das obras de Marx, Gramsci compreende a religião como portadora das contradições que atravessam a sociedade de classe, tanto como força revolucionária, quanto como expressão alienante das massas.

A segunda parte do capítulo baseia-se nas noções apresentadas e expõe, empiricamente, a proliferação das condutas neoliberais por meio da internacionalização da Universal para a periferia mundial. Pode-se notar que a IURD alcançou sucesso em suas tentativas de expansão quando passou a seguir os modelos de internacionalização de empresas postulados pela Escola de Uppsala. Tal sucesso se deve à capacidade de adaptação de sua teologia à realidade social dos países em que se inseriu, sempre priorizando as classes marginalizadas.

Desse modo, a hipótese criada para a verificação foi corroborada. A organização Igreja Universal do Reino de Deus, é um instrumento de religiosidade, mas também atua como uma instituição defensora e perpetuadora do neoliberalismo. Importante notar, no entanto, que a ação da IURD não é propagar novas dinâmicas econômicas para onde se expande. A Universal apenas se aproveita das condições sociais resultantes do neoliberalismo que já estão nesses países, como desemprego, falta de estabilidade, baixa remuneração, alta desigualdade social. Neste cenário, a instituição se instaura de modo a legitimar a desigualdade social pela teologia da prosperidade. Atribuindo, a falta de esforço e a pouca fé, às baixas doações para a igreja, como se essa fosse a causa da miséria humana. Com isso, a IURD gera o entendimento de que a “culpa” é individual, não de um sistema desigual que precisa da estratificação social para se manter.

O sucesso da Igreja Universal do Reino de Deus, tanto no contexto nacional, quanto internacional, decorreu diretamente das estratégias discursivas e dos mecanismos de convencimento que foram elaborados para instrumentalizar suas práticas ritualísticas. Considerando-se, também, que ela surgiu e se expandiu em

um contexto histórico que favorece amplamente a propagação de sua doutrina, que se baseia essencialmente nas necessidades e nos desejos de grande parte da sociedade. Para além de sua retórica, articulada com os anseios sociais, destaca-se a utilização de um marketing agressivo em termos de propaganda, a liderança incontestada de seu líder máximo, o Bispo Edir Macedo.

Àquele que toda a vida trabalha e passa miséria a religião ensina a humildade e a paciência na vida terrena, consolando-o com a esperança da recompensa celeste. E àqueles que vivem do trabalho alheio a religião ensina a beneficência na vida terrena, propondo-lhes uma justificação muito barata para toda a sua existência de exploradores e vendendo-lhes a preço módico bilhetes para a felicidade celestial (LÉNINE, 1905, *s/p.*)

A expressão “religião é o ópio do povo” encontra-se na Introdução à Crítica de Hegel (MARX, 1843). Nesse momento de sua compreensão do processo de desconstrução das representações, Marx entende que a crítica começava pela crítica à religião. O texto tem caráter dialético. A religião seria uma expressão e protesto. Também podemos entrever as contradições do fenômeno religioso. Ópio do povo no sentido de anestesiar as dores do mundo, oferecendo esperanças de uma vida melhor, seja pós morte no céu, seja através do empreendedorismo na terra. Essa é uma narrativa que se adequou ao sistema econômico neoliberal. A saída desta alienação seria fazer com que o proletariado enxergasse esperança na luta emancipatória do capital. “A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo” (MARX, 1843, *s/p.*)

As características sedativas, tranquilizantes e viciantes do ópio mostram-se como uma chave para o entendimento do que Marx queria dizer. A religião expressa a condição humana e é um sinal de que a pessoa humana almeja ultrapassar esta condição. Para Marx, esse suspiro que a religião oferece impedia de reconhecer a realidade como ela é. Assim, a religião é algo que ameniza a dor e torna suportável o que deve ser mudado. Por isso, ele afirmou que a “supressão da religião como felicidade ilusória do povo é a exigência da sua felicidade real” (MARX, 1843, *s/p.*) Dessa forma, a alienação é o que “mascara” a realidade histórica, na qual o trabalho desumaniza a pessoa humana e a ideologia impede de reconhecer os mecanismos e conflitos sociais. Conclui-se, portanto, que a IURD, além de instrumento de fé, se transforma numa instituição promotora do capitalismo neoliberal.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Renilda Oliveira de. **A ética neopentecostal e o espírito do neoliberalismo**. 2020. 129 f. Mestrado - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/23780>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- ANDRADE, Allan Azevedo; NEVES, Fernando Arthur Freitas. **Gramsci: Um Olhar Marxista Sobre O Fenômeno Religioso**. Revista Relegens Thréskeia, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 95, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/73565>. Acesso em: 15 set. 2022.
- ANDRADE, Lucas dos Santos. O paradoxo protestante e o condicionamento do 'espírito' capitalista ocidental de tipo moderno: algumas observações sobre o pensamento weberiano. **Epígrafe**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 121–147, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/167464>. Acesso em: 31 ago. 2022.
- ANTUNES, Ricardo. A rebeldia do trabalho. O confronto operário no ABC Paulista: as greves de 1978/1980. 1992. São Paulo: Editora da **UNICAMP**.
- ARAÚJO, Bruno Gomes de. **A expansão regional das redes de poder da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Geografia. Natal, RN, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/25610> acessado em: 13 de ago. de 2022.
- ARMSTRONG, Alastair. **Heinemann Advanced History: European Reformation 1500-1610**. 1ª ed. Oxford: Heinemann, 2002.
- BAQUERO, Marcello. **A Pesquisa Quantitativa Nas Ciências Sociais: Uma Introdução**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. *E-book*. Disponível em: <http://livraria.ufrgs.br/produto/15060/a-pesquisa-quantitativa-nas-ciencias-sociais>. Acesso em: 8 ago. 2022.
- BATISTA, Paulo Nogueira. **O Consenso de Washington: a visão neoliberal dos problemas latino-americanos**. 2. ed. Caderno Dívida Externa, São Paulo: n. 6, 1994.
- BIONDI, Aloysio. **O Brasil privatizado: um balanço do desmonte do Estado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.
- BITTENCOURT, José. As seitas no contexto do protestantismo histórico. **Cadernos do ISER 21**, Igrejas e seitas no Brasil, 1989.
- BOCOCK R. **Weber and Gramsci: Religion in Gramsci and Weber**. In: Boccock R (ed.) *Hegemony*. New York: Tavistock, 1986 p. 83–102.
- BRITANNICA, The Editors of Encyclopedia. **"Suffrage"**. Encyclopedia Britannica. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/suffrage>. Acesso em: 18 set. 2022.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopedia. **"Third World"**. Encyclopedia Britannica, 22 Mar. 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Third-World>. Acesso em: 17 set. 2022.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa**. [S. l.]: Institutio christianae religionis, 2007. *E-book*. Disponível em: <http://www.cep.org.br>. Acesso em: 3 set. 2022.

CAMPOS, Leonildo Silveira. A Igreja universal do reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa). In: **Lusotopie**, n°6. Dynamiques religieuses en lusophonie contemporaine. pp. 355-367. [s.l.], 1999. Disponível em: [http://www.persee.fr/doc/luso\\_1257-0273\\_1999\\_num\\_6\\_1\\_1277](http://www.persee.fr/doc/luso_1257-0273_1999_num_6_1_1277). Acesso em: 24 ago. 2022

CORTEN, André. A Igreja Universal na África do Sul. Em ORO, Ari Pedro; CORTEN, André e DOZON, Jean-Pierre (orgs.). **Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da Fé**. São Paulo, Paulinas, 2003.

CARVALHO, Sarita dos Santos. **O fiel empreendedor, testemunha e ferramenta de marketing**: uma análise do discurso de marketing dos congressos empresariais da IURD 2017. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universitária Católica de Campinas, 2017.

CAZAVECHIA, William Robson; TOLEDO, César de Alencar Arnaut de. NEOPENTECOSTALISMO E NEOLIBERALISMO NO BRASIL. **Revista Práxis e Hegemonia Popular**, [s. l.], v. 5, n. 7, p. 53–69, 2020. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/PHP/article/view/11880>. Acesso em: 9 set. 2022.

ESTRELLA FARIA, Luiz Augusto. O VALOR DO CONCEITO DE HEGEMONIA PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. **AUSTRAL: Brazilian Journal of Strategy & International Relations**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 209–232, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/austral/article/view/36047>. Acesso em: 15 set. 2022.

FERIA, Yirlean Ramos; GARCÍA, Ada Celsa Cabrera. Neopentecostales Y Nuevas Derechas: Un Vínculo Para La Conservación Del Neoliberalismo En América Latina. **Bajo el Volcán**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 109–134, 2021. Disponível em: Acesso em: 18 jul. 2022.

FERREIRA, Franklin. **Igreja Cristã Na História: Das Origens Aos Dias Atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

FEUERBACH, Ludwig; BRANDÃO, José da Silva. Essência do cristianismo. 4ª ed. Petrópolis: **Editora Vozes**, 2013.

FRESTON, Paul. «Neo-Pentecostalism» in Brazil: Problems of Definition and the Struggle for Hegemony / Néo-pentecôtisme brésilien: problèmes de définition et luttes de pouvoir. **Archives de sciences sociales des religions**, [s. l.], v. 105, n. 1, p. 145–162, 1999. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/assr\\_0335-5985\\_1999\\_num\\_105\\_1\\_1082](https://www.persee.fr/doc/assr_0335-5985_1999_num_105_1_1082). Acesso em: 9 set. 2022.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (coordenador). **Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 67-162. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/399144282/Paul-Freston-nem-anjos-nem-demonios-pdf>. Acesso em: 14 ago. 2022.

FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment**. 1993. 308 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1993. Disponível em: <https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/1342131?show=full>. Acesso em 13 ago. 2022.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, vol. 1, edição de Carlos Nelson Coutinho, com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRANGNANI, Juliana. La iglesia evangélica nacida en una funeraria de Río de Janeiro que creó un imperio en África. **BBC News Mundo**, BBC News Brasil en Londres, 16 set. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-57585335>. Acesso em: 18 set. 2022.

HOBBSAWM, Eric. **A era do capital, 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOLLINGTON, Andrea. **Introduction: Concepts of the Global South | GSSC**. [S. I.], 2016. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160904205139/http://gssc.uni-koeln.de/node/451>. Acesso em: 18 set. 2022.

JUBRAN, Bruno Mariotto; LEÃES, Ricardo Fagundes; VALDEZ, Robson Coelho Cardoch. **Relações internacionais: conceitos básicos e aspectos teóricos**. Concessão: maio 2015.

KEYNES, Teoria Geral do Emprego, do juro e da Moeda. **Teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Atlas, 1992.

KRAMER, Eric W. A expansão da Igreja Universal do Reino de Deus nos Estados Unidos. **Civitas**, Porto Alegre, v. 3, nº 1, jun. 2003.

IGLESIA UNIVERSAL BOLIVIA. **La Universal En Latinoamérica**. Bolívia: [s. n.], 2017. (24:54). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UzpBKGvYskQ>. Acesso em: 18 set. 2022.

LÉNINE, V. I. **O Socialismo e a Religião**. [S. I.], 1905. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1905/12/03.htm>. Acesso em: 5 set. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**. 5º ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. Alguns fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. **Mana**. [online] v. 16, Ano. 2, [s/l], 2010, p. 351-373.

LÖWI, Michael. Marxismo e religião: ópio do povo?. In: **A teoria marxista hoje**. Problemas e perspectivas. CLACSO: Buenos Aires, 2007. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/campus/marxispt/cap.11.doc>>. Acesso em: 15 ago. 2022

LUTERO, Martim. **Obras Seleccionadas. Ética: Fundamentos, oração, sexualidade, educação, economia**. [S. l.]: EDITORA SINODAL; 1ª edição, 2015. v. 5 *E-book*. Disponível em: <https://www.editorasinodal.com.br/produtos/obras-seleccionadas-v-5/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

MACEDO. Edir. Entrevista concedida à LOPES, J. A. D. In: **VEJA** O dinheiro é um bem. São Paulo, edição 1158, 14 nov. 1990, p. 5-7.

MACEDO, Edir. Nos passos de Jesus. Rio de Janeiro: Editora **Gráfica Universal**, 2005.

MAFRA, Clara. **Sobre a qualidade da mediação institucional da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) com foco no caso de Portugal**. Paper apresentado na Conferência da SISR em Ixtapan de la Sal (México), 20-24 ago. 2001.

MARIANO, Ricardo. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. Estudos avançados. Vol.18 nº. 52 São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/H6DCFyvKr6Yrxw7W6pWJcBz/?lang=pt>. Acesso em 15 set. de 2022.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5ª ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. **Religion and coping with poverty in Brazil**. *PhD dissertation, Boston University*. (Tradução da autora) 1989.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. [S. l.], 1846. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/index.htm>. Acesso em: 18 set. 2022.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Para a Crítica da Economia Política**. [S. l.], 1859. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1859/08/15.htm>. Acesso em: 20 ago. 2022

MARX, Karl. **Crítica Da Filosofia Do Direito De Hegel**. [S. l.], 1843. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/index.htm>. Acesso em: 18 set. 2022.

MARX, Karl. **O Capital**. 1. ed. Coimbra: Centelha - Promoção do Livro, SARL, 1867. v. 1 *E-book*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/index.htm>. Acesso em: 4 jun. 2022.

MATOS, Alderi Souza, **O Movimento Pentecostal: Reflexões a Propósito do seu Primeiro Centenário-Parte 1**. Revista FIDES REFORMATATA XI, Nº 2, 2006: 23-50. Disponível em: Acesso em: 14 ago. 2022

MATTOS, M. B. **Sete notas**: introdutórias como contribuição ao debate da esquerda socialista no Brasil. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

NASCIMENTO, Gilberto. Briga por templos da Universal em Angola causa conflitos com a polícia. **BBC News Brasil**, São Paulo, 25 abr. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-61223163>. Acesso em: 18 set. 2022.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das relações internacionais**. 1. ed. 7a. reimpr ed. Rio de Janeiro: Elsevier [u.a.], 2005.

OLIVEIRA, Jackson Batista. **Memória E Ideologia No Processo De Expansão Da Igreja Universal Do Reino De Deus**. 2019. 181 f. Mestrado - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista - BA, 2019.

OLIVEIRA JUNIOR, Antônio Wellington de. Sumário de **Línguas de anjos**: sobre glossolalia religiosa.

ORO, Ari Pedro. A presença religiosa brasileira no exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 18, n. 52, p. 139–155, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 16 set. 2022.

ORO, Ari Pedro. “Podem passar a sacolinha: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo”. In: **Cadernos de Antropologia**, nº 09, Porto Alegre, UFRGS, 1992.

ORO, Ari Pedro; TADVALD, Marcelo. Consideraciones sobre el campo evangélico brasileño. [s. l.], p. 13, 2019.

PATRICK, Mariel Fitz; CRUCIANELLI, Sandra. **La Iglesia Universal del Reino de Dios en Argentina, bajo sospechas de lavado de dinero: investigan millonarias donaciones anónimas - Infobae**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.infobae.com/politica/2020/08/16/la-iglesia-universal-del-reino-de-dios-en-argentina-bajo-sospechas-de-lavado-de-dinero-investigacion-millonarias-donaciones-anonimas/>. Acesso em: 18 set. 2022.

PENA, Anderson dos Anjos Pereira; ZIENTARSKI, Clarice. Cristianismo de libertação, teologia da prosperidade e as perspectivas da luta de classes no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], v. 27, 2022. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 31 ago. 2022.

R7, Portal. **Universal completa 43 anos com 10 milhões de fiéis pelo mundo - Presente em 135 países, Igreja possui 12,3 mil templos nos cinco continentes**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/universal-completa-43-anos-com-10-milhoes-de-fieis-pelo-mundo-09072020?amp>. Acesso em: 14 set. 2022.

REBELO, Tiago. Países. *Em: IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS*. 2022. Disponível em: <https://www.igrejauniversal.pt/paises/>. Acesso em: 16 set. 2022.

REIS, Tiago.  **Holding: Entenda o que é e como funciona a empresa holding**. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.sun0.com.br/artigos/o-que-e-uma-holding/>. Acesso em: 19 set. 2022.

RIBEIRO, Tadeu. Bispos rompem com Edir Macedo na Angola e tornam Universal independente. *Em*: PORTAL DO TRONO. 23 jun. 2020. Disponível em: <https://www.portaldotrono.com/bispos-rompem-edir-macedo-igreja-universal-angola/>. Acesso em: 18 set. 2022.

RODRIGUES, Jadir Gonçalves. **Carisma E Poder: Categorias Elementares Da Retórica Da Igreja Universal Do Reino De Deus**. 2011. 236 f. Doutorado - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

ROSAS, Nina. **A Igreja Universal do Reino de Deus: ação social além-fronteiras**. Ciências Sociais Unisinos, Vale do Rio dos Sinos, 2016.

SANDRONI, Paulo (org.). Novo dicionário de economia. São Paulo: Best Seller, 1994.

SANTOS, Alexandre Felipe Pinho dos. **Paradiplomacia eclesiástica e internacionalização de redes evangélicas brasileiras na América do Sul**. 2014. 167 f. Mestrado - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, Boa Vista, RR, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufrb.br:8080/jspui/bitstream/prefix/39/1/Paradiplomaciaeclesiasticainternacionalizaredesevanglicasbrasileiras0AmricadoSul.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

SANTOS, Ivan Soares. **Teologia Da Prosperidade E A Sua Apropriação Pelo Neopentecostalismo No Brasil: Um Estudo Da Igreja Universal Do Reino De Deus**. [s. l.], 2015.

SILVA, Juvêncio Borges. **Igreja Universal: misticismo e mercado**. 2000. 240 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2000.

SILVA, Marco Antonio de Meneses. Teoria crítica em relações internacionais. **Contexto Internacional**, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 249–282, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 17 set. 2022.

SOUZA, Nilson Levi Zalewski de. **Religião E Desenvolvimento: Uma Análise Da Influência Do Catolicismo E Protestantismo No Desenvolvimento Econômico Da Europa E América**. 2007. 98 f. mestrado - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: Acesso em: 2 jul. 2022.

TAVOLARO e LEMOS. **O Bispo**. A história revelada de Edir Macedo. São Paulo: Larousse: 2007.

TEC-LÓPEZ, René A. El neopentecostalismo y sus caracterizaciones en América Latina. **Política y Cultura**, [s. l.], v. 54, p. 105–132, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26766598005>. Acesso em: 13 jul. 2022.

THOMAS, Scott M. **The Religious Turn in the Study of International Relations**. *The Review of Faith & International Affairs*, 12:4, pp.76-82, [s.l.], 2014.

TORRES, Roberto. **O Neopentecostalismo e o novo espírito do capitalismo na modernidade periférica**. *Perspectivas*, vol. 32, julho/dezembro de 2007.

UNIVERSAL CHURCH OF THE KINGDOM OF GOD. **Who We Are At Universal Church |The Kingdom of God.** [S. l.], 2017. Disponível em: <https://www.uckg.org.za/who-we-are>. Acesso em: 18 set. 2022.

UNIVERSAL. **A Universal - Em que cremos.** Disponível em: [universal.org/a-universal/home/](https://universal.org/a-universal/home/). Acesso em: 17 set. 2022.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Modern World-System II - Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600-1750**, 1974.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The essential Wallerstein.** Nova Iorque: The New Press, 2000.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo [Die protestantische Ethik und der “ Geist” des Kapitalismus - 1904-5; 1920].** São Paulo: EDITORA SCHWARCZ LTDA; Companhia das Letras, 2007. v. 6 *E-book*. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535904703>. Acesso em: 31 ago. 2022.

WOOD, Ellen Meiskins. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico**, 2003. São Paulo: Boitempo Editorial.